

Rio, 13 de junho (1971).

Hélio, querido,

Salve. Já faz tempo que eu precisava te escrever - pelo menos desde que recebi o teu cartão. Mas naquela época eu estava no Piauí esfriando a minha cabecinha, balançando numa rede e botando o pensamento em ordem. Depois que cheguei no Rio (em início de abril), tive de sair por aí feito um maluco atrás de alguma coisa pra fazer, e logo em seguida tive de fazer essas coisas: produção de dis-cos de novela pra Globo, música pra novela, músicas pra vender e garantir qualquer dinheiro - enfim, um negócio chato e cansativís-simo que eu tinha de fazer, fosse como fosse, pra começar a criar condições que eu agora preciso ter à disposição: um dia depois do outro cheguei ao tal de Plug, sobre o qual te falo mais adiante.

Essa minha ida ao Piauí foi muito importante pra que eu reini-ciasse quase tudo depois do verdadeiro inferno que foram esses dois últimos anos, um na Europa e outro neste gueto horrível do Brasil. Era tudo incrível. O menor barulho soava como todas as trombetas do após calypso e teve uma hora em que eu quase me vi perdido. Era tudo ou onda, desbunde, chateação. Na véspera da tua viagem eu estava louquíssimo curtindo uma viagem inacreditável que ni guém sabia - e quando saí da tua casa eu estava realmente louco de ódio, eu pensava: vai o Hélio embora e eu quase não estive com ele esse tempo todo, o que é um verdadeiro absurdo. Tudo foi ficando tão insuportável que até as pessoas (pouquíssimas) a quem amo no duro entraram no bolo. Você via. Não ter podido acabar o filme do orgramurbana e, depois, não ter conseguido obrigar Naná a fazer o disco que eu havia planejado pra ele (e que seria fantástico se ele tivesse juntado coragem pra fazê-lo) acabaram de encher o saco. Tomei um vasto pileque de despedida e encerrei o papo de beber; fui ao Piauí sem Ana nem Thiago, balancei na rede, balancei e depois achei que estava legal. Voltei para o Rio e uma das primeiras pessoas que procurei foi Waly.

Então Waly me falou que estava com vontade de fazer a super-frente super oito, mas estava encontrando muita dificuldade em arranjar quem pagasse por isso, como seria necessário. Ele estava querendo sondar a Kodak, mas eu achei que era barra-pesada demais, além do que seria difícilimo. Reinaldo Jardim era a única pessoa que podia quebrar o galho, eu disse pra Waly: ninguém ainda se lembrou de fazer badalação com essa moda de super oito em jornal. Vamos badalar no correio? fui lá e expliquei pro Reinaldo que deu pulos de Nijinski. Fantástico. E tão fantástico que eu pedi uma página inteira e ele nos deu três. Pensamos então em pegar o Plug, que era um suplemento de música muito bunda mole saindo dentro do correio aos sábados, e transformá-lo num jornalzinho nosso, livre de más companhias, em todas as bancas da cidade. Reinaldo deu outros pulos: autorizou. Então eu pedi a Waly que te escrevesse a respeito, pedindo colaboração e explicando o papo. Daí você já está por dentro de tudo, mesmo com os pulos do Reinaldo Jardim e a série de facilidades que ele nos deu,

you know very well how difficult it is to do anything well in this country. The natural difficulties imposed even by the editing, that if you look well you will discover is from the police etc. etc. etc. The rest of the team that puts at our disposal, a bunch of people who are pathetic and incompetent, the hell with the graphics of the newspaper that is a piece of shit and does nothing equal to what people ask - in short, we are with the biggest pressure to do a good job, but almost half of this energy has to be lost in the fight against these Brazilian problems. It's the way, and in any way, it's infinitely better than staying paralyzed. God bless me. Never again. I don't want to be forced to work in this way, but for now it's the best that can be. I told Waly: it will be hard but if you push me I will push and people can force the bar until it breaks. I was very content (if possible) that Waly pushed.

Good: it's been fifteen days that we are working on this. Some typical setbacks have begun to appear. On the eve of the newspaper launch, an order from the board to suspend everything, including the work we were doing for the launch.

Motivation more or less ignored. Order next: to remodel the Plug as a supplement to the newspaper and to keep it in the newspaper. With the launch this week of the *Já*, it seems, the board of the newspaper is afraid to let the Plug go, which I think is a stupidity, since this will be a specialized newspaper on discs and cinema, only. The *Já*, no one knows what it will be - only Wednesday, when it goes out. It's a huge mess, so I stayed knowing: secret meetings and things like that, but it seems that the initial idea of them - everything linked directly to consumer products - will be difficult to maintain. At Elis Regina is a collaborator, besides Capinam, Ronaldo Bôscoli, Ivan Lessa and others. Tarso has a way and must break. It's with them.

But, I was saying, in the last hour they decided to suspend the new Plug and keep the old Plug, so we still arranged, we made it turn into a tabloid to be different from what it was at least in this, and we put an article by Waly and another of mine, introducing cinema into the game - in short, I gave you this that I am sending you. In fact Waly has a page only for himself, and I have another, under the title of cinema club, more or less as it is now, about the photo of Glauber. Waly must have told you how it will be the page for himself. And you must have seen that you can give him as much as the newspaper. My idea, for the cinema club, is to disguise and do anything completely uncommitted to cinema properly said - but that it is, always, in any way, in the end, or after the cinema. You will also have a small section on society. It should be called *Do lado de fora* and will be a news service, at least, to give a lot of water to the mill, and a lot of anger, about films and the things of cinema that are happening outside of this place and

que não serão vistos aqui principal-mente pelos motivos da censura da polícia. É legal, não é? Anyway é também masoquista, mas é legal. Anyway.

Tem também uma página pra fazer entrevista com gente de cine-ma. Essa é obrigatória e estou fazendo algumas com uns caretas do cinema nacional. Vai estreiar um filme do Antônio Calmon e eu fui entrevistá-lo, por exemplo. Depois vou ver se boto um repórter pra fazer essas entrevistas, porque, sinceramente, não agüento. É o fim. Agora o seguinte, Hélio: Waly deve ter te explicado sobre a questão de pagamentos, já que você topou escrever daí de vez em quando. É muito pouco, loo pratas, mas é certo que pagam, pelo menos a você eu faço questão de pagar. Digo isso porque tem uns caras aqui que vão querer escrever de graça para o Plug, e escreverão . . . Isso tudo é porque a verba que os caras me deram pra pagar colaborações é inteiramente ridícula e eu só aceitei pra poder pedir a você que escrevesse. Waly me disse que você prometeu entrevista com o Jack Smith. Vai ser genial se você fizer. Por uma entrevista assim, e sendo grande, posso tentar conseguir algo mais que 100 cruzeiros, mas nem posso garantir ainda. Prometo tentar bastante. Seu dinheiro, à medida que for saindo, entrego a Waly ou a quem você indicar, mande dizer. Embora tenha começado tão mal, com este número bagunçado de oito páginas só, eu acredito que esse Plug fique legal e termine dando pé. Aqui não existe nenhum jornal como Melody Maker, por exemplo, e esse pode fazer esse tipo de serviço, agora que já está começando a ter público pra essas coisas no Rio e em São Paulo. Uma espécie de radiolândia-filmelândia desta época daqui. Não podemos ficar sem Louis Serrano, de maneira que escreva, meu amor. Você está em Nova York.

Luiz Otávio conseguiu um produtor e está preparando um filme para agosto. Ele fez um curta fantástico com Oswald de Andrade e quebrou a cara porque, evidentemente, o LN.O. não deu o tal certificado de boa qualidade. Mas o produtor que deu dinheiro pra ele fazer esse filme é meio porra -louca e resolveu levantar uma nota para ele fazer o tal longa. É uma jogada muito bacana a de Otávio e toma-ra que dê certo. É tão difícil se ver qualquer coisa que preste dando certo por aqui que eu tenho até medo de ficar animado com qual-quer boa perspectiva que apareça pra qualquer um de nós. Mas estou torcendo muito para Otávio conseguir fazer esse filme. Ele me disse que você prometeu um livro a ele e não mandou. Está uma fera.

Encontrei Mônica Silveira e ela me disse que vai pra Nova York dentro de alguns dias. Ofereceu-me, portanto agora me ofereço também: estou querendo mandar alguma coisa pra você. Diga: dis-cos? quais? se você estiver com vontade de ouvir alguns que você não tenha aí, sei lá quem, mande dizer logo que eu vou ver se mando por Mônica. Farei o possível.

E o que mais? Ana e Thiago estão muito bem e maravilhosos. Tenho visto muito pouca gente porque a maioria não há quem agüente. Acho que já a partir desta semana o Plug começa a sair com suas dezesseis páginas - mas não sei mais quando sairá livre do

cor-reio da manhã. Se você puder, mande me contar sempre sobre os filmes mais legais que você estiver vendo ou já tenha visto: isso pode ser muito bom para a jogada Do lado de fora, tá?

Maior maravilha o disco de Gil, né?

Outra coisa, Hélio: você pode mandar pra mim o endereço de Naná? se você encontrar com ele diga que eu mandei um beijo e que vou escrever breve. Tenho umas fotos sensacionais dele, que Otávio tirou. São fantásticas e vou publicar no Plug.u estou dando tudo pra esse jornal dar certo, Hélio. Não estou me metendo em nada da parte de música, que é bem maior que a de cinema. Mas pelo menos as minhas três páginas eu quero que fiquem melhor possível. Normalmente eu detesto trabalhar em jornal, mas estou ligado nesse serviço porque eu não tenho mais nenhum com - promisso com música popular brasileira e, enquanto consigo criar condições pra fazer outras coisas (fazer o Plug já é uma parte disso), devo cuidar também de ganhar algum dinheiro; você sabe como o Brasil está insuportável. Fica muito mais insuportável se a gente não tem, sequer, planos de viajar. O Plug pode me dar condições para viajar - nem que seja com o dinheiro que posso ficar ganhando. Mas isso já está virando declaração. Tchau, baby. Escreva e espere que qualquer dia eu apareço aí. Um beijo grande.

Babylon;june 18, 71;

Torquato, meu amor; adorei, nada me deu mais alegria que sua carta com as publicações e tudo; isto aqui ainda não é uma resposta à carta; apenas um bilhete rápido; tudo parece estar mais ou menos com meses de atraso aqui; não consigo nem dormir tal o excitamen-to; quilos de coisas para ler-fazer etc.; babilônia, você sabe.

Esta carta segue separado de média que vou lhe enviar; coisas sobre cinema, Village Voices (cujos artigos caretas, mas quase sem-pre ótimos; é só procurar; temJonas Mekas em cinema; cartazes do dia etc., o que evita explicações minhas, que nunca seriam suficien-tes para cobrir tudo); vou comprar daqui a pouco e ver o que serve; em geral Village Voices tenho sempre dois e já coloquei no pacote o da semana passada.

Planos para o plug: posso enviar de imediato (semana que vem) entrevista com Marie Montez e Jack Smith; o problema com Jack Smith é conseguir algo de positivo dele: isto é, conseguir que abone-ca se concentre para algo: é uma louca, daquelas furiosas; vou ver se faço fotos lá; tiro o que for possível, espero; já Marie Montez, que é importante, pois é das superstars mais importantes e a meu ver a que mais nos interessa (fui ver uma peça em que ele fazia Carmem Miranda e Maria Montez, plus other roles; um gênio; além disso quero usá-lo numa performance que vou fazer no Central Park em agosto-setembro; vai ser Carmem Miranda, que é o ídolo aqui dos dragqueen -gay cinema -theatre); estou com o telefone de Mário; vou depois, também arranjar um livro que fala desse pessoal, sobre cine-ma underground; Mário, diz o autor (nem sei mais o nome; o livro não tenho aqui), é a encarnação, ao contrário de uma imitação, de Maria Montez, que é aquela maravilha méxico-hollywoodianos anos 40, tão nossa conhecida; o tipo dele é de cowboy mexicano, queen fatal; o grande filme, insuperável de sua carreira, foi Harlot de Warhol, em que ele faz uma loura (que seria uma fusão de Harlow e Marilyn; "harlot" vem de Harlow) travestida, de luvas brancas, que come bananas todo o tempo, devagar, descascando-as de luvas brancas, num sofá claro que isso é uma descrição bem careta, que não é tudo; a última banana é enfiada no cu pela própria; Warhol fez "har-lot" em 1964, e se situa na sua obra como uma transição da fase de "eat", "sleep", "kiss", para a que culminaria com "the chelsea girls"; vou lhe enviar um novo livro que saiu: Vida e sexo de Andy Warhol; isso em outro pacote para ter certeza que chega, registrado etc.; plea-se acuse sempre recebimento das coisas, com cartão etc., pois fico pensando que nunca recebem; o que você se propõe, a me mandar coisas, adorei e peço logo algo transcendental:

- 1) Que me enviem todos os plugs e já : para mim é importantíssimo aqui; Waly não manda nada e por acaso tenho amigos que enviam pesquisas etc.; inclusive o que tinha texto meu; lá de casa, também nada; you know; mas como você é um cara mais preciso e organizado, confio mais para isso.
- 2) Torquato, essa outra coisa depende de tempinho (chato) seu:pedi a Maciel, como já era de esperar, nada; trata-se de um disco antigo de Emilinha Borba,

que preciso para sound-track de Brasil Jorge, o tal super oito que ainda não terminei; não sei se esse disco existe, mas talvez exista regravação: seria um onde ela canta "olhos verdes" ou "olhos tristes" ("aqueles olhos tristes, só deram-me tris-teza, deixando-me a certeza de um infeliz amor ... "); sabe qual?

- 3) Não quero lhe pedir mais nada pois isso toma tempo e cha-teia; mas se Mônica quiser trazer algum disco novo (novos baianos, p. ex.) ela pode trazer como presente dela; que não sejam lança-mentos caretas de Nelsinho, please, respeitem-me (não mostre isso a ninguém!); e esse de Paulinho da Viola? ela vem quando? Não compre você nada; diga a Waly que me mande presente, já que está rico agora adiante falo só de fofocas.

Adorei seu texto sobre Glauber; você é mesmo demais, para pegar tudo de dentro assim; sei disso porque conversei muito com Glauber e é tudo o que você escreveu; aliás você leu as dicas que Glauber anda dando no Pasquim? meu filho, nunca vi tanta boba-gem na minha vida e mau caráter; adoro Glauber mesmo assim, mas estou curioso em saber que merda é essa e quem são a vanguarda direitista de que fala! É louco; não conheço nem sei o que diz.

Endereço de Naná é: com o Glauber Rocha, 4 rivington st., New York, NY 10002; a boneca mora aqui perto e anda transando com Frank Zappa! Nem mais nem menos.

Acabei de telefonar e ninguém responde; merda mesmo; nunca estão lá; Glauber está no Chile; Fabiano, uma boneca que era pro-gramadora do Paissandu, mora lá, mas trabalha com o Talbert no New Yorker (ele é um superlançador-distribuidor daqui e depois vai ver IO filmes por dia até de madrugada; uma loucura); Naná pelo visto deve ter-se mudado para o hotel do Zappa; eu ia lá mas fiquei tão ata-refado que não foi possível; John e Yoko também estavam transando por aqui e apareceram com colher de chá no bis de um show do Zappa aqui no Fillmore; Infelizmente eu não estava lá, pois já havia visto o show na véspera; esse fim de semana tem bb king e moby grape; o Fillmore vai fechado, você já sabe? esse fim de mês; o gran-de show, sold out e tudo, ainda desse mês lá, éJohnn Winter e Edgar Winter' s " ... trash"; vai ser um barato; não tenho entrada mas sem -pre arranjo mais barato na porta na hora do show: esse vai ser uma guerra pois são só dois shows em um dia (J ohnny é dos artistas mais caros de Babilônia); o irmão é um gênio também. Torquato, não pergunte pelo disco de Gil pois eu não o ouvi; tudo por culpa dessa bicha louca chamadaJorge Mautner; um puto, não há outro termo; o viado não deixou comigo o disco que me mandaram de London; o de Caê nem se fala; Caê telefonou um dia quando recebeu minha carta, em abril; mas estava respondendo e nunca chegou; estão zan-gados: Jorge Mautner e Rute, duas cascavéis, fizeram intriguinhas e como Jorge influencia em tudo a família baiana. já viu, né! Que se fodam; Julinho também já se encrencou por lá, e nunca vê Caê (não conte isso a ninguém, pois seria terrível sair publicado etc.; confio em você); aquilo que você e Ana já conhecem antes que eu, de longa data; as pessoas só vivem de fofoca baiana,

que é perigosa mesmo; que fazer? Adoro Caetano, e sempre adorarei; mas quando tocam no meu nome é para dizer que sou louco etc.; aquilo ...

Torquato, mande-me letras de coisas suas novas etc.; você sabia que fiz um texto ainda em Londres, que cita você? aliás, uma obra sua? é aquela que você havia feito para Nonato Buzar "eu sempre quis ser feliz ... "; no meu texto, que começo com a quotation, está assim; depois vou lhe enviar; entreguei xerox de todos ao Haroldo Campos, que esteve aqui e estava o cara genial de sempre; falei muito em você, inclusive dizendo que é o único que me interessa dos antigos lyricistas da tropicália (se bem que eu gosto muito das de capinã, mas o problema seria o de tropicália-piauí-existencial, que mais me interessa em você); uma confissão (também proibido divulgar, mesmo que verbalmente!): aquele dia da entrevista do Pasquim, quando você estava lá, meu desejo secreto era o de estar fazendo a entrevista com você, com quem sinto reais afinidades; sei que isso é uma terrível maldade, mas que fazer? era o que eu sentia e quero que você saiba disso.

Bem, depois de fofocas tão terríveis (não se pode deixar de fofo-car) vou encerrar porque senão não faço nada; quero enviar logo isso e comprar as tais coisas de que lhe falei; diga a Luiz Otávio que não tenha ataques que vou enviar o livro junto com os que enviarei para você; só que livros, como são mais caros, quero ver se mando por um portador; senão vai pelo correio; aguardem.

Ana, meu amor, um grande beijo; para Thiago also (nunca o vi ou só uma vez, nem me lembro).

Depois escrevo uma carta mais forte; depois também textos meus. Diga a Waly que escreva pois não sei se ele prefere que eu mande coisas para Copa ou lá pra casa, detesto não ter certeza se vão receber ou não.

Faça o favor de não me chamar de Louis Serrano! Porra, nada tenho com esse careta reacionário colonizador, cinelândia-rua 42 (ele deve ter feito tanto hustlin na 42 que imitou e a cinelândia é a cara subdesenvolvida da 42); minha barra é mais pesada, querido; você sabe, não precisa dizer. Nem preciso dizer que o amo. Peça a Waly e Ivan para ler cartas que envio pra eles; são superdocumentos dessa época cachorra em Babilônia. Depois falo sobre meu projeto do Central Park: ontem surgiu a possibilidade de que venha a ser feito em setembro, no local do Shakespeare Festival, após o término do mesmo não sei; só sei é que a maquete está genial e é a coisa mais ambiciosa que já bolei; vamos ver.

Torquato e Ana, mil beijos

Love

30 junho.

Hélio, salve!

Eu já devia ter mandado esses jornais há dois dias, mas não deu pé. Hoje apareceu essa carona de Vergara. Vão os papéis e este bilhete curto. Até o fim da semana te escrevo direito.

Recebi os jornais e revistas que você enviou dia 18. Recebi também a sua carta. Estou, esses três últimos dias, num corre-corre incrível e quase não tenho tempo pra mais nada além de uma série de compromissos para liquidar. Mas já saí pelaí atrás do disco da Emilinha, que você me pediu. É uma pena que ainda não esteja com ele para mandar agora pelo Vergara. No comércio não tem. Descobri que o Hermínio Bello de Carvalho poderia ter e fui falar com ele. Não tem: tinha, mas me disse como fazer para conseguir ainda esta semana. O problema é o seguinte: se o disco mesmo ficar muito difícil, serve pra você uma fita muito bem gravada da música? cassete? Diga. Aí eu mando na primeira oportunidade que surgir-parece que a Mônica e Nelsinho adiaram um pouco mais a tal viagem, más, eu descubro outra pessoa.

O Plug, de repente, ficou um pouco mais confuso. É possível que um esquema novo, fora do Correio da Manhã, pinte como melhor ainda nos próximos dias. Eu te informo. Acho fantásticas as idéias (entrevistas etc.) que você tem para a gente aqui. Pode até demorar um pouquinho mais a sair como eu quero, mas vai sair. (Note a entrevista do Calmon, no número que tem Caetano na capa. Não é incrível a baratinação dessa gente? Note as colunas de Waly como estão sensacionais. Depois te explico os restantes babados.)

Estou com uma dor de cabeça terrível hoje. Vou-me embora.

Tchau, Hélio.

Beijão,

Love love love love love love love love.

Bahylon: July r6, 71;

Torquato, meu querido; hy; estou para lhe escrever desde que vergara veio, mas tudo parece se acumular aqui; agora, mais calmo; só Fernando Campos de hóspede, o que é ótimo, pois ele é legal e está fazendo coisas: curso de videocassete e inglês; acho-o, como sempre, muito inteligente e interessado em ver-conhecer tudo etc.; bem diferente de certos brasileiros (estrelas ou o) que ficam em casa, não vêem nada e depois lançam julgamentos "sérios" sobre os lugares; você sabe.

Gostei, adorei, amei tudo o que você mandou (espero que continue, please; literatura brasileira de já, plug, pasquim etc., são importantes quando se está aqui) escrevi e mandei dois livros pra Luiz Otávio (junkie e naked lunch do burroughs; depois mando pra ele outros, como nova express e soft machine, já que ele quer um festival de burroughs); por razões de não saber se ele se encontrava em casa ou sei lá aonde, não o fizera antes: detesto escrever sem saber se vai ser recebido mas, ainda sobre Luiz Otávio, gostei bastante do artigo que você publicou, dele: sobre o trabalho dele e as idéias (que espero vinguem a todo custo) de filmes, uso de frases e palavras, tudo aquilo (peça a ele pra ler a carta que mandei); o que me grilava um pouco, quando da minha última estadia, era a frente Luiz Otávio-flamarion, o que não quer dizer nada: flamarion não é tão mau assim, mas é que tanta coisa se passou, coisa vazia e gratuita no final, mas que poderia ter sido levada a algo maior: como o filme Rogério Duarte-flamarion, que, vendo as fotos que tenho aqui, fico louco em pensar que nada deu; aliás, deu, pela metade, como convém a Rogério: além disso, abro uma merda de malão, e dou de cara com a mesma capa parangolé que está viajando desde a época de Londres, urnamorna ou rosecáli no rio: um dia edito a capa como está, inacabada e o diagrama, para que seja completada pelo leitor, ou sei lá quem; não tem sentido "acabar" a obra: está acima do bem e do mal, em regiões de loucura-indecisões; Rogério, na sua perfeição idílico-mística, não se pode dar ao luxo de pensar em "acabamentos", que dirá "obra" etc.); essa capa, de pano rua daAlfândega de florzinhas e tela de nylon transparente, é a obra mais conceitua! já feita no Brasil: a busca da ausência do conceito, segundo Rogério, o nada resultante do amor dele por Rose; mas, voltando a Luiz Otávio, creio que suas idéias estão mais em ordem e mostram uma lógica, uma continuidade de preceitos, que é ótimo nessa fase de dispersão total da intelectualidade brasileira: a porraloucura dominante (Deus me livre dos místicos daí! ou a irresponsabilidade total, ou, pior, o surrealismo, segundo Mario Pedrosa, se imaginação, de nossa terra; se Luiz Otávio conseguir levar a cabo muitas daquelas idéias, vai ser legal: ou levar a cabo uma síntese delas; há muita coe-rência e interesse real em tudo: uma espécie de filho dileto de apocalipopótese; acho que ele deve procurar o Haroldo ou o Augusto de Campos, como ele pensa em fazer: são pessoas que, além do valor que se sabe, podem dar palpíte (das poucas hoje em dia).

A) imagine o que estou ouvindo: Angela Maria cantando Adelino Moreira; um dos 2 discos que me mandaram, dela: o outro, mais clássico-saudosista, da fase anterior em que ela subia, com aspirações de cantora provinciana ao padrão post-jazz-dama Dalva e outras também, a meu ver, tiveram essa fase, só Elizeth parece querer manter ad infinitum essa damice, que não deixa de ter seu charme; Angela, porém, era mais fina, mais como uma síntese de jazz e latino, mãos, bracelete dourado, uma certa elegância de gaze-la do harlem: e a voz, o que é isso? a maior maravilha, fina post-Dalva "você vive ao meu lado, eu não tenho você" style, de uma indiferença inacreditável, como mel escorrendo; depois a consagração, idolatria: quando ela canta Adelino, a voz já mais escrachada, de rumbo-boleira ou rumboladeira, melhor, é então o que veio a ser hoje: uma criadora total, particular, mais do que Dalva: a primeira grande criadora negra do Brasil, isso é importante e mostra o preconceito que as pessoas têm com ela: Dalva era mestiça, mas branca, mas Angela ninguém quer aceitar: é uma ameaça (com pretexto de cafonice, que ela na realidade não possui): quem jamais cantou nem eu, como ela? e os arranjos, feitos sob medida, geniais, new York jazz-brazil; quem é José Nunes? adoro uma espécie de samba-canção-novela "você sepultou nosso amor etc.", chama-se sem mágoa no meu coração (Angela tinha fama de dar chance a autores desconhecidos!); mas em Adelino, sem a nostalgia de seus primeiros tempos inigualáveis no Brasil (só se podem comparar com os mitos de jazz, que são mitos-nostalgia quase que de imediato), época de Othon Russo com ela etc., há uma síntese mesmo, original: Adelino é uma amostragem do gosto brasileiro com muito talento: canção-novela, "ma ... eu farei das suas chagas, cicatrizes ...", ex-amor, sem a vulgaridade ou melhor, banalidade de novelas da globo: supervulgar, inteligente; o estúpido do Flávio quando condenava (agora idolatra, por questões também falsas, de querer absorver o que não gostava, comercialmente, como se pudesse comprar o gosto brasileiro; mesmo com ibope alto não comprou nada; ibope alto, isto é, o único que há de ser visto; se houvesse algo com a força da antiga nacional, não haveria nem ibope porra nenhuma pra Flávio), condenava justamente o que Adelino não é: comercial no sentido de falta de imaginação: burrice, ele é justamente a imaginação nativa do Brasil, em tudo o que de gosto ou não esse conceito possa possuir: Angela e Nelson Gonçalves sabem disso: não se trata de comercial imposto ao mau gosto do público de subúrbio - província (isso seriam coisas banais, como Ray Conniff, música insípida de baile etc.; ou coisas pobres, repetitivas); Adelino, não; parece representar uma época de gosto brasileiro confrontando assuntos seus, da maneira melhor, por seus intérpretes melhores, vozes do Brasil; nisto nada há de glorificação culposa do "cafona", em voga na falta de caráter geral brasileira de hoje; Angela nada tem de cafona, assim como Carmem Miranda não teve, nem nenhuma dessas mulheres maravilhosas: ninguém mais precisas

(no sentido de precisão de imagem, detalhe; de definição do fragmentário) do que elas: nunca hei de esquecer quando vi Emilinha de perto (dei-lhe um beijo, um dia quando estava sambando com mangueira no programade José Messias, na TV Rio), da precisão de detalhe na vesti-menta cetim verde, sapato de salto altíssimo verde do mesmo, ou não, de camurça, mas o mesmo tom: uma pintura, digna de qualquer mestre expressionista alemão plus , sei lá; mas, vá-se láfalar em Emilinha: com uma finura semelhante (mais que o físico, como queriam suas fãs) a Maria Félix: estranhíssimo, quando se pensa nisso aqui (dou-me a esses e outros luxos; why not?).

B) B) por falar em tudo isso, vou logo emendar para Mario Mon-tez; estamos muito amigos (só amigos, veja lá) e ele é genial: também de uma precisão impressionante nas informações, nos detalhes; fui à casa dele em Brooklyn, e combinamos tirar fotos no novo filme de Warhol, que iria ser feito em Hollywood, mas vai ser aqui, semana que vem: Mario é a superstar principal, se é que há alguma principal o filme vai ser heat ou, pasme, t.ropicana (quase tropicália; como quero usar o termo no meu event, aqui, morro de medo em dizê-lo; de tropicana pra tropicália, é o pulo e seria um achado; tropicana é marca de refrescos aqui: laranja, grapefruit etc., portanto parte do pop americano);pois bem, você vê que vai ser importante demais: stills de uma, produção de Warhol; e talvez super 8, se deixarem, mas claro que deixam: Warhol fazia o mesmo, na época de Jack Smith; Mario está tão legal e gosta demais de dar informação e facilitar tudo; deu-me uma composição de fotos "profissionais" dele, com dedicatória 'con amor' etc., just like Hollywood times! não é uma maravilha: verdadeiro olimpo de deu-ses-estrelas; ouvi um tape que ele gravou direto da tv, de um filme com Carmem Miranda, em que ela dialoga com Wallace Beery e Jane Powell, que canta também: acho que é date with jumás não estou certo; Mario tem um arquivo maravilhoso de underground dele: early Warhol: combinamos que vou xerocar uma série de coisas importantes, pois nas entrevistas ele diz o que pensa etc.: tudo preciso,claro e genial; não é a toa que em harlot ele criou uma síntese incrível de imagem: só vendo, pra entender; e versamos horas sobre Maria Montez, o sentido do trabalho-imagem dela, as comparações com Carmem Miranda, e dancei samba pra mostrar a diferença com a dança de -men, ele me mostrou um livrete sobre os filmes de Maria Montez, e há uma foto um com Carmem e ela etc., genial; as informações dadas nesses livretes são das mais incríveis; hoje, p. ex. o Mario diss -me que veja modesty blaise do Losey, pois tem a filhade Maria Montez com Jean Pierre Aumont, Tina Marconi, e isso é transcendental!: uma loucura quase que museológica, como Haroldo de Campos, que adoro, pois visa precisar a informação num detalhe de verismo absoluto, pra que coisas que parecem obscurasse clarifiquem; o oposto do processo de obscurecência que parece encantar los brasilefios (menos a mim, ou a nós); isso, volto a meditar

constantemente: não há um grande criador moderno, que não haja procurar uma precisão absoluta nas suas demandas: Joyce, Artaud, Mondrian, Pollock: o que é confuso são as diluições na facilidade, mas a precisão quase que pragmática em determinar o que é dado é importante: não só pra resolver o impasse do mantismo-subjetivismo, mas para não cair na gratuidade inventiva, que conduz ao nada, ou nem a isso, que conduz a nada; principalmente a clareza nas idéias, a delidade comunal à informação, ao dado, parece ser algo que é como uma busca louca, interminável, e fascinante; a idéia proferida por um crítico, de quem não lembro o nome, de que Mario Montez não seria o drag de Maria Montez, mas a encarnação de Maria Montez, é perfeita e justa: não há a preocupação em representar a atriz, mas em encarná-la, no absurdo revivalde que se constitui a cultura americana pop e post-pop: o revival tornou-se um elemento preciso e claro, de uma objetividade impressionante, que o faz evitar qualquer insinuação de nostalgia ou melhor, saudosismo: talvez a nostalgia seja levado a um caráter objetivo, estou certo: é Hollywood deglutido e cuspidor em forma produtiva: uma auto-antropofagia do underground se realiza no que veio combater, usando os elementos comerciais-hollywoodianos como elementos concretos de linguagem, como o pop já anunciara antes, não é por nada que Warhol passou a pop mais pop, que era o dele, para o cinema criando mesmo o cinema pop underground; que difere a meu ver do outro tipo stanbrakhage (você viu os filmes dele; acho Brakhage importante, se bem que tenha uma impaciência para vê-lo, por vezes; creio que com a embaixada americana vocês consigam ver tudo isso, inclusive Warhol; é o que me disseram aí; mas não tive saco para tentar; tem uma mulherzinha, amiga do Marc Berkovitz, that creep, que trata disso; acho que antes de nada, Waly e Ivan, que tem mais tempo (Ivan, digo), podiam tentar ver tudo isso; Glauber, se não me engano, viu, e achou tudo derivado de buftuel, o que por certo não é verdade, pelo contrário, por razões óbvias); outra solução é dar um pulo e ir diariamente ao anthology film archives, aqui perto, todos os dias; viajar, no Brasil, a meu ver, é investir em informação; nada tem a ver com argumentos de colonialismo cultural, velhos pra mim, e se há coisa menos colonizada no Brasil é minha obra, portanto não me interessa entrar nessa discussão que se reveste a maioria das vezes em demagogias infinitas; voltando a Mario, vou fazer assim: xerocar informações, entrevistas etc.: as bonecas daí, que quiserem ter arquivinho de coisas dessas, têm que me mandar discos de presente pra receberem o que quer que seja: that's fair enough; farei a entrevista gravada mas não penso em transcrever tudo como fiz com a de Haroldo (você leu?: está waly, the sailor of the moon), mas o que for importante, entremeadode coisas das entrevistas anteriores; acho que fica mais jornalístico etc.; quanto a fotos, serão antológicas da tal filmagem; já mandei uma boneca fotógrafa que encontrei ontem, fazer cópias de algumas que ele fez de Mario na peça de Jackie Curtis: e não fiz de

burrice, porque nem pensei nisso no dia em que vi (a peça foi vain vanity); portanto terei muito o que escolher; só espero que vocês continuem mais e mais com o plug; olha, vou logo dizendo, detesto aquela coluna de Sílvia Lamenha chamada gay power, que de gay power nada tem: pelo contrário, parece uma closet queen escrevendo sobre o assunto: como é que brincam com coisa séria! isso é legal, mas como estou farto de closet queens brasileiros, me enche: Sílvia deveria entrar no tal estágio do 'come out': tem um refrão que fotografeina marcha gay 'closet are for clothes', não é genial?

- C) pedidos: Torquato, é legal mesmo a música de Emilinha em fita; mas grave bem-feito, ok? espero que não lhe custe dinheiro: senão, junto com outras coisas que vou pedir aqui, peço para minha mãe pagar a você; o que preciso é fácil, já que você está no correio: preciso de fotos do esquadrão, das vítimas, digo: inclusive de mitos cara de cavalo, mineirinho, e outros de pessoas anônimas: digo logo como você pode fazer: diga a Reinaldo de que preciso disso para um trabalho aqui numa performance: quero fazer pôsteres: mas please, não comente com ninguém, pra safety inclusive de vocês, por motivos óbvios; não sei nem se a coisa do parque vai sair, pois depende de gente, de tudo; mas precisaria dessa cópias: sei que Reinaldo pode consegui-las de graça, mas se custar algo, peço a minha mãe que pague; lembro-me que aquelas de cara de cavalo, no JB, custaram algo; mas sei que há milhões de fotos de esquadrão: quero que inclusive a sua escolha seja parte da obra, como são os recortes de 'groovie promotion' de Waly; vou usar o máximo tudo o que Waly me manda, de recortes, mas é que para o que estou bolando, de blow up para certo tamanho pôsteres de esquadrão de esquadrão, 'word repression series', tem que ser fotos visíveis; não precisa que sejam muitas: umas 6, o suficiente, sei é que você é ótimo para essa escolha; não só pode ser útil pra mim (no caso de alguém querer fazer o mesmo aí; vou logo avisando, depois explico por que que o Gerschman vai querer fazer, se souber disso) como é essencial pra você, já viu, né? se você acha impossível ou risco demais, não o faça; mas acho cool, pois Reinaldo é uma pessoa em que se pode confiar sempre (dê-lhe um abraço, pois tenho grande admiração por ele) e é arisco, não se deixa enganar; os recortes de Waly vão ser pra filmagem; estou estruturando tudo: estou apaixonado por isso, pois se relaciona com as obras em que uso poemas, melhor, frases, fotos etc., que nada têm a ver com outras, como as de Gerschman, você sabe e conhece; Gerschman vive insinuando, inclusive para um cara aqui que me contou, que ele " usou palavras antes... e outras cafonices: o problema é que o que ele faz nada tem a ver comigo: os não objetos de Gullar, sim, teriam a ver comigo; mas também nada tem com os dele; é burro e oportunista, e isso não perdôo; inclusive porque escrevi muito sobre ele e tudo, hoje em dia ele dá páginas e páginas de entrevista e nem me conta, falando em "sucessos brasileiros fora do Brasil. .." (quais?) e outras

coisas no gênero; você é testemunha, quem e quando ouve algo como a exposição de Londres; e a da information one year ago aqui? não tenho culpa de serem burros, não acha? e imprudentes; que se fodam: detesto superficialidades e sou vaidoso, principalmente quando me negam informação etc.; por isso acho o texto de L. Otávio importante: coloca um problema sutil, se bem que ele me junte com Gerschman, mas só foi em relação a ele, o que está certo; mas ele, e nós, sabemos que nada tem a ver, p. ex., mergulho do corpo escrito no fundo da caixa d'água, com water escrito numa coisa de plástico: é outra linguagem, é outra semântica etc.; p. exemplo, descobri que aquela capa de onde sai uma tela vermelha escrito sexo, violência, eis o que me agrada é poeticamente tanto linguagem inexplorada, quanto a descoberta de frase semelhante na chamada de uma revista sobre Alice Cooper: a frase poema-conceito, ou que diabo seja, possui uma 'independência de suporte' incrível e era o que Gullar procurava quando conceituou o 'não-objeto': poema aberto, de igual intensidade e de semântica tão própria quanto os elementos visuais, tácteis ou objetuais; as coisas de Gerschman são o oposto, e se ele tivesse consciência disso, levaria tudo a um nível mais profundo, o que não acontece; estou farto de falar com pessoas que não entendem: é um risco, inclusive, de destruição, se repete sempre; por isso adoro escrever pra você: não preciso explicar nada, você sabe; basta. Falo tudo isso, só como precaução: não quero bicadas nas minhas coisas, sabe como é, né? a idéia de fazer a groovie promotion de sailormoon (penso em usar sound track de west side story, o que é proibido bido comercialmente, mas que poderia ter sentido, pois é o oposto do conteúdo de Waly) foi uma coisa natural, que se liga a essa espécie de 'exploração de combinações semânticas', ou 'semânticas de semânticas' (sei lá se isso pode ser dito assim): mais uma consequência dessa ambição em querer criar 'mundos simultâneos', que para mim sempre foi como uma definição do ambiental; assim com a cor, a fotografia (p. ex. na capa número 3, de 64/65, chamada pedrosa, em que usei fotos de futebol de jornal em duas superfícies, como um elemento táctil-visual, simultâneo aos objetuais-tácteis das outras superfícies, inclusive um saco transparente cheio de pigmento rosa, que encosta como seios, repito seios, ao corpo, como se se tivesse adquirido seios, de repente), a palavra, frase, frase-conceito etc.; nessa contraposição da 'groovie promotion' com 'west side s.', quero que seja como água-óleo, mas literalmente ligada à música: a ansiedade, o witty, o drama, a tragédia, como no sound track citado, como sublinhando um ao outro, contrapondo assim à origem água-óleo da idéia do filme; palavras escritas e centradas seriam independentes, simultâneo-acidentais; não sei, depende . tudo de como vou escolher e fazer a direção de casa shot-recorte, ou shot-fragmento, no filme, o latino e o americano.

D) D) amenities: hoje vou ver modesty blaise às 21:50 e depois la chinoise meia-noite e quinze, pois são ambos uptown na broadway, perto do harlem, festivais de um dia etc.; mês que vem tem festival brasileiro, de Fabiano Canosa, no new yorker: barravento e uma série de filmes; mês que vem Maria Montez-Carmem Miranda à meia-noite também programado pelo Fabiano (o que vai ser de boneca nessa platéia ...); Antônio das Mortes está à meia-noite no elgin, mas com público fraco; não o reví; vi pela primeira vez foram Ele simon of the desert de ufiuel, acho geniais; em El há coisas de Atlântida, e a mulher chega a lembrar Marion, se bem que diferente, mais handsome e menos exagerada, mas é o estilo atlantida-méxico do filme arturo de cordova, uma maravilha; aqui no orpheum há festival de um por dia, e como é na esquina aqui perto, em geral vou às sessões de meia-noite; tenho visto muita coisa que não vira antes. Você não me contou nada sobre o filme do Calmon; realmente que ele diz, sem pensar (houve galho com você? é o que me diz Vergara) é incrível, e depois não quer que publique; então deveria pensar antes de falar; na realidade está confuso, como quase todo mundo aí. Gabor chegou e deu um banho de fossa em Fernando: só fala em Maria Clara Mariani, ex-Sérgio Lacerda, que estava namorando, e ainda não viu nada, apesar de dizer que está interessado ...pequenas fossas. O calor está alguns dias de matar, Belém-Bangu, outros com brisas de pólo, que refrescam; os dias ensolarados e lindos, e me queimei demais outro dia no roof, mas nem deu pra arder: os raios do sol se filtram na poluição da ilha, nas montanhas de concreto, nos vales que Levi Strauss vê em New York: built landscape. Tenho tirado muito slide aqui e alhures; vou enviar cópias em breve; tenho que regularizar meus gastos que têm sido astronômicos: não sei se continuo aqui (pago \$250 de rent) ou se devo providenciar cheaper place; mas nada parece estar cheaper, a não ser que se vá morar num lugar impossível, o que com coisas roubáveis não dá pé. Em breve mando o que interessar, como informação fresca. Continue enviando, por portador ou o que seja, plugs e já, please; a Mônica adiou pra quando, a viagem; são milionários, deveriam viajar todo mês. Dê um beijo em Ana, outro no Baby. Pra você all the best, love.

Rio, 16 de julho.

Hélio,

Luiz Otávio recebeu a carta e os livros e veio hoje à tarde aqui em casa. Saiu há pouco e eu resolvi escrever logo pra você. Eu estava adiando um pouco pelo que você verá logo, mas também continuo me virando num ritmo que, estourou. Compreenda: estourou e acabou. Por isso não quis te escrever logo nos primeiros dias: eu estava putíssimo e não dava pé. Não servia para nada escrever daquela maneira. Você sabe (eu contei) que quando sugeri o Plug ao Reinaldo Jardim já existia no correio um suplemento muito bosta com o mesmo nome, feito pelo tal de Luís Carlos Sá. Quando o Reinaldo autorizou o projeto que lhe apresentei, conservou esse cara na Editaria Geral- o que eu achei perfeito, porque não entendo quase nada de música pop "diversificada" (milhares de conjuntos, eu sei lá!). Ele terminou estragando tudo, e rápido, como você está sabendo. Antes mesmo que o Plug saísse, como se pretendia, sem o Correio da Manhã, e com muito mais páginas etc. Basta que você saiba disso, porque o resto são apenas historinhas chatíssimas sem o menor interesse: tendo sido despedido por se recusar a fazer um número para o jornal (problemas do salário dele), Luís Carlos Sá redigiu uma carta-manifesto para o diretor geral da empresa fazendo ameaças e, como se não bastasse, ou por sentir-se muito sozinho, assinou também por todos os ausentes e inocentes, inclusive eu e Waly. Só. Fantástico, não é? O idiota só pensou em dinheiro e nem ligou para o fato de que fazer o Plug poderia ser uma coisa maravilhosa, sei lá, legal, excitante. Quase enlouqueço de ódio, mas aos poucos foi passando e poucos dias depois Reinaldo me chamou para o segundo caderno da Última Hora (vão alguns recortes bem recentes pra você). Eu estou gostando de fazer jornal assim diário, outra coisa que me espanta. Eu sei perfeitamente que toda essa dedicação ao trabalho em jornal é somente porque preciso de tempo e de condições para fazer outras coisas que estou muito a fim de fazer - alguns filmes e algumas viagens & viagens - e que estou a fim mesmo, pode crer. Ficar curtindo de jornalista tem sido bacana, e tenho aproveitado para tirar alguns sarros. Uma coluna de jornal dá uma espécie de poder muito grande que pode ser utilizado da maneira que se quiser utilizar. Tenho curtido e com isso me embalado do desconsolo de não fazer o Plug.

Só que você não sabe da soma. Soma foi a solução que eu bolei para completar o trabalho que não posso fazer na Última Hora por não caber mesmo na Última Hora. Uma parte do Plug com outra parte que não estava no Plug nem está na Última Hora. Eu pensei em fazer uma revista: Soma. Som, imagem, disco, cinema, babados. eu bolei uma revista muito barata (das que você me mandou, take one é a que chega mais perto do que estou tramando) e já estou transando bem direitinho um background empresarial para poder dar certo. Não quero explicar isso tudo agora porque prefiro esperar que as coisas estejam mais adiantadas. Mas estou bolando tudo já de acordo com uma Editora e, há três dias, chamei Waly pra organizar a revista comigo. Pretendo

que tudo esteja andando de modo que esteja nas bancas em setembro. Revista mensal. Espere, que na próxima carta eu te darei detalhes maiores. Estou muito animado porque sinto que vai dar certo. Agora, Hélio, eu sei como são as coisas por aí, mas seria importantíssimo para nós se você pudesse mandar mais algumas revistas daquelas de vez em quando. Olhei os preços nas capas e vi que não são muito baratas, de maneira que não tenho coragem de pedir que você as compre pra mim. Mas pode mandar, mesmo, no duro, as que você já houver lido, mesmo que não sejam recentíssimas, certo? e os artigos & entrevistas que você estava preparando para o Plug, pode mandar brasa e enviá-las para mim ou Waly que nós vamos precisarmuito delas pra Soma. O que você quiser que a gente transe por aqui com outras revistas, desde que a gente transe (a gente, aqui, quer dizer sempre eu e Waly). Vou abrir a revista Soma, inclusive para umesquema que dá para publicar suas entrevistas com Haroldo deCampos etc. Deixe comigo que eu estou a todo vapor.

Otávio vai te escrever logo, ele me disse. Estou esperando um portador mandar a gravação que você me pediu, a da Emilinha Borba. Vai em fita de cassete mesmo, Hélio. É impossível conseguirmos disco desses em qualquer lugar por aqui. Só na rádio Nacional (Hermínio Bello está lá agora), eu consegui gravar. Mas a gravação está ótima, sem nenhum defeito, espero que sirva. Aguarde, já também seguirão. Waly conhece uma pessoa que, parece, vai na semana que vem. Tenho algumas letras de música para te mandar. São do ano passado e isso você compreenderá fácil depois de ler. O clima geral, para mim, era aquele mesmo. Nenhuma delas foi gravada: também não mostrei pra ninguém. Estou fazendo as músicas com Carlos Pinto (você conhece?), um garoto da Bahia que eu amo muito. Legal como você. Para a televisão eu já fiz o que queria. Espero que essas músicas me dêem dinheiro pra que eu fique sossegado e faça filmes, filmes, filmes. E pronto, Hélio. Aqui não tem nada, mas é a tal festa. Ninguém se entende e o conformismo é geral: em ritmo de Brasil grande. Um inferno. Mas eu continuo achando que não devo me apressar em nada. Quando as coisas estiverem melhor arrumadas eu darei um pulo do lado de fora, ou farei logo o filme, não sei. Tenho mil filmes na cabeça, um por dia; todo dia. Eu já fui estudante querendo fazer filmes, já fui compositor querendo fazer filmes, a vida inteira atrás disso - não é possível que eu não consiga em breve. Thiago é lindo e Ana, você sabe, eu amo. Muito embalo. Gregório chegou há alguns dias, mas ainda não me encontrei com ele. Está fazendo o já: Tarso chamou. Tenho conhecido Daniel Más, que eu não conhecia, e estou gamado. Acho que ele é maravilhoso, vai e faz as coisas - legal, não é? o chato, Hélio, aqui, é que ninguém mais tem opinião sobre coisa alguma. Todo mundo virou uma espécie de Capinam (esse é o único de quem eu não gosto mesmo: é muito burro e mesquinho), e o que eu chamo de conformismo geral, é isso mesmo, a burrice, a queimação de fumo o dia inteiro, como se isso fosse cortiça, aqui é escapismo, vanguardismo de Capinam que é o geral, enfim, poesia sem poesia, papo furado, ninguém está em jogo, uma droga. Tudo parado, odeio.

Tchau, beijo grande,

Amor, amor, amor,

Hélio,

Oba! Eu estava com essa carta aí há dias pra te mandar; mas apareceu a redação de UH, o amigo de uma amiga minha anunciando viagem para Nova York e se oferecendo para levar correspondência e encomendinha. Fiquei na moita pra te mandar por ele, além dessa carta a gravação da Emilinha. Mas não deu pé, o cara sumiu e eu acho até bom porque, sinceramente, eu não estava me agradando muito com o jeitão do bicho. Tinha jeito de quem terminaria procurando te chatear por aí, na base de companhia para passeios etc. ainda bem que ele sumiu, pois desde anteontem eu estava resolvido a não mandar mais nada por ele. Hoje de manhã chegou sua carta do dia 16.

Vamos lá. Ainda hoje tratarei, no correio, de conseguir as fotos que você me pede. Reinaldo, de repente, não está mais lá. Parece (fofocas de redação) que está demissionário da empresa - como aliás acontece sempre com Reinaldo, sempre que ele refaz as porcarias de jornais que existem por aqui. Você sabe. Mas não tem problema - mesmo sem Reinaldo eu consigo as fotos. Vou lá no arquivo, na maior descaração, e escolho quantas puder. Ficarei, esses dias, estudandoum modo bem seguro de te enviar tanto as fotografias quanto a fita e uns dois discos que tenho aqui pra você, pode esperar: na primeira folga do primeiro portador barra-limpa eu mando.

Ainda vou ler sua carta novamente, e com calma, pra te responder direito logo depois. Mas você não calcula como eu ainda me espanto com esse povo na beira da praia aqui do Rio. É realmente incrível. Vergara te falou que eu teria tido problemas por causa daquela entrevista idiota do Antônio Calmon. Imagine! Problema de quê, meu Deus? Antes da estréia do Capitão Bandeira eu já havia resolvido promover o filme no Plug. Calcule: eu pensava, porque as pessoas me diziam que era assim, que Calmon houvesse tido coragem de fazer um filme comercial limpo, pra ganhar realmente muito dinheiro num esquema que - você sabe muito bem - não me interessa pessoalmente em absolutamente nada ; mas que poderia servir como primeiro passo, ou primeira palavra na abertura de uma discussão muito ampla sobre cinema brasileiro - que eu estava a fim de incentivar no Plug. Eu nem sequer conhecia Calmon pessoal-mente. Fui lá todo feliz fazer a tal entrevista, liguei o gravador e deixei o boneco falar. Waly ouviu a fita inteira. Era inacreditável, Hélio. Se você leu o que eu publiquei e ficou espantado - eu queria ver tua cara escutando o monte de babaquice, maucaratice e estupi-dez que ele declarou ao microfone. Livrei muito a cara dele, deixando de publicar declarações tais como: "essa turma do cinema marginal vai de ácido, vai de tudo quanto é droga e no entanto só fazem filmes fofos e doentes, ao contrário do que se espera de quem usa 'drogas' etc., por aí." Eu sou um cara tão legal que guardei a entrevista uma semana, esperando que o filme passasse para que eu pudesse ver. Fui, vi e - sinceramente - não pode ser pior. Calmon, pelo filme, parecia uma garota do Sion que andou puxando fumo e desbundou à lá mode. Minha opinião sobre o filme vai num Plug - o último que saiu conosco - que te remeto ou com esta carta ou logo

depois, com as encomendas. E a esculhambação sobre Gustavo Dahl (Vergara comentou?), também me interessava muito. Acho nojento ver caras fantásticas, que eu adoro, como León, se arrebetando todo na tentativa de fazer ainda alguma coisa forte, informada e tal - enquanto idiotas como Gustavo, herdeiro, herdeirinho, cordeiro da safadeza atual, tem livre acesso à revista do INC e congêneres para deitar falação cretina sobre um problema que significa muito mesmo pra mim e pra todos nós. De modo que caí em cima dele só por causa da importância que ele tem agora como "pensador" oficial, e justificador-mor do cinema de boca fechada que se é obriga-do a fazer nesta droga aqui. Tanto que nem cuidei muito de "defen-der" Rogério e Julinho, o cinema marginal. Fiz uma brincadeira; ridicularizei Gustavo de modo que ele simplesmente não encon-trasse maneira de "defender-se" sem cair numa esparrela maior. Como o artigo fez o maior sucesso, e - fantástico - colaborou para uma cisão mais completa entre as duas "correntes" que sobrevivem a Glauber (todo mundo no analista porque papai foi embora), me senti, pelo menos, aplicado. Foi tudo o que consegui no Plug, além de lançar Waly e publicar aquele texto de Luiz Otávio: E acho que foi muito bacana. O negócio saiu de onde eles não esperavam - você sabe, Torquato Neto, tropicalismo, sumido, mamãe-coragem, geléia-geral, parceirinho de Caê e Gil etc. Ainda sobre a tal entre-vista de Calmon: ele andou comentando tanto que não falou quase nada do que eu publiquei e isso me deu mais raiva ainda. Cretinice, não é? mas Vergara, nesses assuntos, está do lado de lá. Azar, eu sei que eu quero.

Não estive com Gerschman, infelizmente. Faz pouco tempo euestive conversando com Otávio sobre boa parte de certas coisas que você me fala nesta carta de hoje. Acho que o trabalho dele não tem nada a ver com o teu, mesmo quando ele passou a usar palavras desde - que eu me lembre daquela última exposição feita em São Paulo, Terra, Água, 1968. Antes disso, então, nem se fala - embora eu ache que o trabalho de Gerschman anterior a 1968 terá, no final das contas, muito mais importância, mais relevo, num panorama vasto, bem posterior, da coisa pop brasileira. Isso é óbvio. Não vi a exposição que ele fez agora em São Paulo - mas mesmo assim estou por dentro do que expôs - o que soube primeiro através de um arti-go que você publicou sobre ele no ano passado e depois pelas repor-tagens e "críticas" que andaram aparecendo recentemente. O negócio dele, eu acho, parte diretamente das experiências gráficas do concretistas até 61-64 - e faz uma espécie de adaptação do negócio de Décio, Augusto e Haroldo (as coisas mais antigas dos dois últimos), para o que, no final das contas, é pura "artes-plásticas", se trocadilho. Cada palavra uma espécie de armação como num qua-dro, como prum quadro - o que ficou bem evidente pra mim de que vi no teu texto e numa reportagem colorida da veja as palavras "expostas" no Central Park, como quadros no banheiro (à Nio Sodré) etc. Otávio concorda com a linha geral do meu pensamento, mas fica querendo atribuir ao trabalho de Gerschman um nível experimental que eu, sinceramente, não encontro em nada que ele fez de 68 pra cá. Bem claro: o trabalho de Gerschman me parece perfeitamente acadêmico, embora de

'alto' nível. Quando digo que não tem nada de experimental quero dizer: não põe, nem a ele mesmo, Gerschman, em questão. São coisas que eu vejo e gosto ou não gosto, mas não me instigam. Fui ver o tal filme do Mautner. Waly deve ter escrito para você e falado nisso. Waly ficou revoltadíssimo, achou uma porcaria etc. Eu achei uma porcaria também, mas não fiquei_ exatamente puto da vida nem nada assim. É simplesmente um caso de burrice crônica que dá vontade de rir, Caetano curte de Bethânia e Bob Dylan o filme inteiro. Gil também curte a dele, com Sandra e algumas gurias. Pra mim, que adoro todos dois, é legal. Agora: a curtição de Mautner, o filme propriamente dito, não exis-te, é ridícula e paupérrima. E estúpida, além de picareta: se ele pensa que vai conseguir exibição para aquilo e, mais, ganhar dinheiro com uma curtição dos baianos p&ra dois ou três amigos e baianos, aí é que ele se fode. Não dá. Não existe nenhuma faixa de público para uma bobagem daquelas. As pessoas que tinham que ver o filme já viram numa única sessão (secreta) no MAM. E depois é muito chato ouvir e ver Caetano, depois do disco violentíssimo e maravilhoso que jogou na praça, declamarbobagens sobre "o sol", o país tropical", "o sol e outros queijos". Mautner veio falar comigo, simpático e tal, diplo-mático. ele é otário demais: o próprio folclore barra-pesada da ZS, que ele está louco pra conquistar (está morando no Rio), é quem vai liquidar com ele. Você sabe como esses caras funcionam e Mautner, ingênuo, picareta e paulista vai precisar rebolar muito pra se manter no cavalo pelo menos uns dois meses. Esta semana anunciou que vai gravar na Philips, depois de transar com Midani, um disco de músi-ca "eletrônica". Calcule. Com esse eu nem me meto. Não é necessá-rio nem eu tenho saco. Deixa com Capinam e Maciel, que é quem está fazendo sala pra boneca e Rute Panterette por enquanto. Chega.

Soma, nossa vitrine, está andando como eu quero. Vai sair, Hélio, pode crer. Estou apenas tentando organizar a coisa de modo que eu não tenha de gastar dinheiro meu (eu não tenho) pra tirar o primeiro número. Expus a idéia para quatro grandes empresas grá-ficas (duas de São Paulo) e todas estão a fim.

Estou, com calma, resolvendo qual a melhor pra mim, teus papos com Montez (recuerdos) sairão no primeiro número, não seesqueça. Soma somente aceitará colaborações (e pagará por elas) quando forem de Hélio Oiticica, Warrol e outras cobras. No duro: vai ser uma revista muito legal porque vai ser editada por mim e Waly, numa base secreta que estamos providenciando a todo vapor. Soma: Som, imagem e outros bichos. Imprensa (naturalmente) em bom off-set - de modo que as fotografias que você puder mandar sairão supimpas.

Encontrei Maria Bethânia há dois dias. Anos que eu não via. Dai que ela viu "Todo dia é dia D" e gostou. Disse que vai cantar no show (de Fauzi Arap) que vai estrear na semana que vem e depois gravar no LP que está preparando. Isso me deixou contentíssimo, porque eu amo aquela sereia (canto da sereia, cantigas com Bethânia etc. porque eu sempre achei que era a única cantora capaz de cantar aquilo. Fiz,

inclusive, pensando nela. Bom, né? Tenho outras coisas alguns textos e tal pra te mandar. Assim que puder eu mando. Tudo o que você fala de Angela, Dalva e Adelino em sua carta é fantástico e eu bem que gostaria de publicar algo assim por aqui. Se interessar, mande brasa e envie que eu publico - não vou é sair por aí publicando trechos de cartas que você ou outro amigo me mande. Tem muito disso na praça hoje em dia. Acho o fim da picada.

Só, Hélio. Enviarei já e outras literaturas pra você, cada vez que acabo de escrever sei que existe muita coisa ainda pra dizer –mas vai ficando pra próxima. Assim que Soma for lançada eu não vou descansar enquanto não conseguir uma nota pra fazer um filme. Procurarei escolher as fotos do esquadrão - ainda hoje - entre as melhores que eu encontre no correio. Acho que vou ter de roubá-las, mas não dá galho. Faça-o com o maior prazer já que é pra você.

Beijão.

Torquato

Bahylon: IO agosto, 71;

Torquato, hy; um beijão; adorei sua carta e os livros e tudo o que você diz; estou louco para ver a gravação de Bethânia de Todo dia é dia D, que acho fantástico; a música é de quem? Carlos Pinto? as outras são incríveis; Pindorama palace é a mais perfeita, com o etc. final sugerindo uma continuidade infinita, como que a capítulos a serem acrescentados: ... "descuidado tropicando em pindorama", melopéia tropicália, maravilha; sempre gostei muito de seus lyrics e cada vez que ouço os discos de tropicália mais me certifico disso; seu mundo e o que você diz (sem querer pensar em "conteúdos" extra-poéticos) sempre foram pra mim o que mais me dizem no 'lyricismo' brasileiro; só Waly, a meu ver, se aparelha, em complexidade, disso; isso ninguém sabe, ótimo para mim, gosto dos lyrics de Duda; não tenho nenhum, mas me atraem, de certo modo; você conhece direito?

Tudo o que você diz na carta é o que imaginara; Calmon, Mautner e outras estrelas cadentes ou candentes (which one is the best?), sumidas antes de serem detectadas pelos maus olhos-ouvidos que se recusam a ver-ouvir (padre nosso, isso é o nome daquele filme de Fontoura com "jovens" artistas) coisas que não interessam subtrações do vazio ou casos de burrice crônica garota do sion desbundada, como você diz; olho os jornais do rio, e morro com tanta pobreza; veja e congêneres, idem; mortes inglórias: Murilinho e Genaro (me deram fossa), entrevistas progressistas e horríveis: Gerschman (quer dizer que voltamos ao "artista artesão, que faz sua arte para vender"; a base: o artesanato melhor ou pior de cada um; incrível: ufanismo brasileiro para enganar burgueses? tudo com qualidade e talento; I through with all that, man; pas possible; infelizmente sou descrente e infiel, you know; não engulo nada que não passe pela minha garganta.

Torquato: quanto a essas encomendas, você pode telefonar para minha mãe que acho que ela tem portador de confiança; aliás, chame Cláudio, meu irmão, e entregue a ele; em todo caso, escrevi a ela falando da importância dessas encomendas etc., portanto não há grilo; tem um cara que vem essa semana ou na outra; ou a mãe da Roberta, também; você resolve o melhor, ok? tks.

Vou procurar o que há de bom para lhe enviar; mais bem escolhido do que antes; essas revistas de cinema estão terríveis, a meu ver; take one é mesmo a melhor; mas sei que estão sendo úteis, claro, para você; o que farei é o seguinte: vou juntando e envio por um portador de confiança; nunca vi tanto brasileiro aparecendo aqui; uma loucura.

Amanhã, vou tirar fotos na estréia da peça da Jackie Curtis, que já vi, mas agora estréia num esquema mais comercial (anunciada etc.); todas as bonecas locais, Mario Montez fazendo Maria Montez e Carmem Miranda etc., portanto, vai ser material para a tal entre-vista que deve estar pronta antes do fim do mês.

Outra: Julinho filmou aqui esse fim de semana; Miguel Rio Branco de câmera; acho que vai ser legal; adorei ter trabalhado nisso; as filmagens foram na casa do Miguel, na casa de uma moça chamada Honey, ambas na rua 3 east, aqui perto, à noite, no ninhos daqui de casa; até que enfim esses ninhos começaram a funcionar, como eu queria before; o filme é *Lágrima pantera, a míssil*. e apareço como um de um bando de assalto a bancos; eu mesmo fiz layout gráfico do assalto (minha última "obra"; hehehe) que ficou lindíssimo em azul e branco; e fiz stills em partes da filmagem em que não apareço; esses stills serão impressos e enviados para você. como material (você os usa no soma ou em que quiser); Julinho concordou e combinamos assim; Cildo Meirelles (que é lindo) faz um do bando assaltante, com um cara chamado Bob, um crioulo que pegamos na rua; Rosa, Patrícia e Hoy são três entendidas (Rosa você conhece, não?) bordélicas; as cenas nos ninhos foram geniais, com tv e projeção de filme sobre as diversas camadas: os ninhos, no que nisso se assemelham ao caráter daquela cabine de tropicália, passaram a ter um caráter sintético na relação participação e elemento incluindo não só os puramente sensoriais (cheiros, tato etc.) como as extensões também sensorial (filme, tv), como um pequeno mundo, sugerido pelo lazer não condicionado e sua relação com mídia sensorial; tudo isso no filme, ou melhor, filmado, pode dar numa coisa mais complexa e inesperada; Julinho ficou muito contente, e vai fazer outros takes ainda essa semana; ele filmou com uma éclair alugada (50 por um dia), além de ter comprado uma 16mm baratíssima (uns 170) paillard bolex.

Portanto as coisas mais rápidas vão ser essas; a de Jack Smith deve levar tanto tempo que faço a seguir; vou enviar também stills do filme de Lee Isffe: *parallel fears*; olha, vou colocar isso agora e continuo a escrever mais tarde.

Love

PS: Sorry pela correria; é que são 3 da tarde e, se não colocar agora, os tais portadores saem sábado e será too late; assim que você rece-ber esta, contacte lá para casa.

Na carta de amanhã, envio uma para Rogério Duarte; sei que ele está na casa do Ronaldo (Cildo e Teresa têm o endereço), mas prefiro mandar via você, pois sei que ele recebe; afinal a velha rivalidade Rogério-Ronaldo ainda funciona.

Guilherme Araújo está in town desde o dia 26, que foi quando Julinho chegou com Rosa; está legal; dei-lhe umas esculhambações costumeiras, e ele com charme de sempre, e cartinhas de Cae e Macao para me conquistar etc.; ele ontem disse para lhe mandar beijos e abraços e para Ana e todos; e meu para eles também: Ana e Thiago. Imagine a cena: eu e Guilherme tomando sorvete no Central Park, e um cara freak e preto, com uma mala parecendo aquelas de papelão que há aí, bem batida, sabe como?, vendendo picas de Jimi Hendrix: daquelas que aquelas duas freaks fizeram (plaster-custers); Guilherme: "how many inches? because I have portorican that has 9

inches (22 cm!)" ; vejam a loucura; a boneca está cada vez mais freak, vestida de bandeira americana; não é de enlouquecer? morro de rir com Guilherme o tempo todo, principalmente depois que ele concluiu que eu tenho mais dinheiro do que ele! Veja você o descalábrio; e agora descobriu aquele jogo de monopólio (a coisa mais chata do mundo) e só fala nisso.

Sabe quem encontrei por acaso na rua? Naná, irmã de Muriel! Aqui na esquina, mas ela parte hoje para Califórnia, e volta daqui a algumas semanas adoro-a e falamos em você: contei sobre as entrevistas que vou fazer, plug & babados; ela lhe manda beijos.

Bom, já vou; Julinho está gritando; aliás, Julieta hoje amanheceu impossível, linda e querendo tomar banho de piscina, mas foi a e não gostou; o calor, meu filho, só se compara com Belém ou Bangu ; estou suando em bicas, ou picas.

I love you;

beijos for all

love (continuo à noite contando e falando)

Monroe: 12 agosto, 71;

Torquato, afinal consigo continuar nossa carta; veja onde estou: nesta cidade-town, na casa de campo dos pais de Lee: Jaffe family; mas estamos numa casa só nossa: eu, Rosa e Julinho Bressane; resolvemos vir ontem e voltarmos démain, para aquela ilha diabólica: estavam insuportável o calor e a poluição, e eu estava tão cansado e confuso que meu trabalho parecia ter parado de vez: too slow for my .aste; espero que de volta, minhas energias se tenham recuperado; quero ver se escrevo algo para Rogério e envio com esta; se não for agora, vai depois.

Essa vinda pra cá foi precipitada depois de loucas discussões; as .otos da peça, Miguel deve ter tirado, pois dei o meu bilhete e um filme _ ara que ele fosse fazê-lo; você não calcula como minha cabeça estava.

Recebemos, eu e Júlio, um telefonema do Ivan Cardoso com o Eliseu Visconti: foi incrível; você viu os filmes de Eliseu? são duas coisas que mais tenho vontade de ver, principalmente os monstros de babaloo; eles já tinham mandado stills, o que foi ótimo.

Desta vez não é possível que não consiga fazer um livro, no qual usaria todas essas imagens: talvez só de fotos: usaria stills etc., e já pedi os de Neville, tudo como um catálogo do ano, meu (talvez a Guggenheim queira fazer por isso estou coletando material): information; pensei assim: você ainda tem aquela câmera que você tinha em Londres: você poderia tirar umas fotos: p. ex., Bethânia fazendo show etc., ou Waly e Ivan filmando; coisas do ano; you, you know; seria você nesse livro; what do you think, baby?

O que me preocupa agora, é resolver se fico naquele loft ou se mudo para algo mais barato; depois que a bolsa termine, o aluguel ficar pesado demais; se renovarem a bolsa, acho que só recomeçam a pagar em maio (acaba-se essa em nov.); vou trabalhar em algo, pra entrar dinheiro extra; em filme, talvez: mandei proposta para assistente de direção ou de produção; a Chris, com o mesmo curso que fiz, trabalhou de ass. produção ganhando 125 semanais, o que não foi nada mau; ela arranjou isso facilmente e saiu-se muito bem; essa firma para a qual me ofereci faz filmes comerciais (chrysler etc.), o que é ótimo treino.

A coisa do parque (?), se posso dizer assim, não sei no que vai terminar; deixei por uma semana de pensar no projeto, e gosto mais dele; todo mundo está fora, e é difícil chegar a uma conclusão; penso que para outubro será impossível; mas a idéia de usar o armory da lexington ave. (de idos de duchamp-nu descendo a escada, escândalode 1913, dada, rauschenberg etc.): é enorme e cabe o mastodonte: 20m x 20m: como se fora um espaço aberto shelteied: circo, podendo-se cobrar entrada e ficar por algum tempo, sem essa correria de querer aproveitar fim de verão mas está tudo devagar; não sei se o museu de arte moderna vai cuidar disso (a J eniffer Licht., curator que fez com o Mcshine a exposição information, last year, na qual participei

estava ansiosa para entrar na coisa; está viajando e volta; nada ficou decidido; pois tem que ter um testa de ferro pra levantar a nota, que não vai ser curta) ou se o tal Dick, Lerner (dealer do gerschman que possui galeria careta na madison): ele é por fora demais, da coisa; pensa que fazer isso é o mesmo que vender quadros; Geldzahler, que é quem me deu a bolsa (metropolitan), ainda não voltou; portanto, tudo não passa disso; fiz 2 outros projetos de que gosto, o último é uma espécie de síntese do primeiro, grande; esse é menor, mais barato e me satisfaz como de primeira necessidade, o que me faz pensar que seja o mais viável de vir a ser posto em prática proximamente.

Estou lendo six nonlectures do cummings, uma obra genial; for you a primeira poesia e a segunda dele: two almost infantile couplets:

O the pretty birdie, O

with his little toe, toe, toe!

while the second mercilessly avers there was a little farder

and he made his mudder harder

não é genial; porra, cummings tem coisas supremas, na obra dele e nessa nonlectures inacreditáveis: imaginação terna; americano ao máximo.

(Torquato Neto; 12 agosto, 7r)

Nesta pausa-página, houve pausa: comi grão-de-bico com arroz integral e beterraba cooked by rosa, além de milho; tenro, campestre; estou com uma lombra danada do sol de hoje, mas continuo a fiel lh' escrever.

Torquato, temos ido tanto ao cinema, que é incrível; o festival, festivais etc., no singular trata-se do cinema Orpheum, da 2nd ave. perto de onde moro; quando chega midnight, pelo vício já vou indo; mas o que queria falar, era algo: vi, com o atraso genial, Monterey pop e constatei algo: como aquela seqüência impressionantedeJimi Hendrix influenciou tudo, ou melhor, determinou o que viria depois: matou a platéia careta, que é a de Monterey (que diferença: até mulher de luva & outras frescuras havia lá): há uma coisa divina; J anis cantando, cafona e mal vestida (antes da transformaçãoas roupas), mas genial: mas, Janis é a transformação aceita pela platéia, como o grito, interpretação; Ravi Shankar, um gênio, delirantemente aplaudido, depois de Hendrix, o monumento ao passado ("isso sim" devem ter dito, "interpretação séria, grandiosa");mas, o que deve ter ocorrido nas cuquinhas curtas e ricas, quando Hendrix orgiava com a guitarra? trepava toda a caretice branca endinheirada de lá? é inacreditável: ejacular líquido inflamávele queimar a guitarra, depois de sons, seqüências impossíveis, ecstases etc.: seu canto, as palavras, não são palavras cantadas, interpretadas muito menos: são como os acordes da guitarra, sem

conteúdo: atingem uma transformação semelhante ao media de tv, sem conteúdo: superelétrico: o gesto, o corpo, corpo-guitarra,microfone, tudo participa extensionalmente da 'obra' atirada ao público, e o incorpora sem remédio (como a tv) nele; é demais; aquela seqüência é das coisas mais importantes que já vi; imagino o que Godard não pensou vendo aquilo; o que não teria pensado(será que ele viu?); aliás, Godard fez um filme com o Pennebal, que é quem faz esse: você já deve saber: "an american movie", que pas-sou a ser IPM: 1am de Godard e 1pm Pennebaker: Pennebaker montouo filme sem Godard, com permissão dele; não vi, pois passou duas vezes sem anúncio com antecedência, e eu soube em cima da hora; mas devo ver a qualquer minuto; voltando à seqüência hendrixiana,meu caro, tudo me vem à cabeça, principalmente algo que deve ter ocorri do, como uma 'newsance ' (gostou do "composto"?) para aquela caretália festivaesca: a de que times are a 'changin' e quedepois changed mesmo, na pop music: o anúncio da incorporação da platéia, do público, numa coisa tribal, que resultou em woods-tock & congêneres; quem maior que Hendrix nisso? o próprio nome que 'acaba em x': Hendrix, o que incorporou a espinha dorsalelétrica ao rock: a quebra de guitarra do Peter Townshend do Who torna-se mímica circense, diante da orgia sado masoquista (modernamente se diz 's & m') hendrixiana, dilacerante, incrédula, não-interpretativa: eu já pensara, há muito, sobre o modo como ele diz ou emite as palavras: como descargas elétricas, sem buscar conteúdos;isso terá sido sem dúvida, a evolução de Elvis e Little Richard: mas esses dois agora aparecem excessivamente como artesãosdo rock, iniciadores da desintegração da interpretação do 'canto': Jimi Hendrix retoma e reincorpora tudo na corrente elétrica guitarra-corpo-voz-platéia.

Hello; estou de volta em Manhattão; a mesma de sempre; euforiquenlouquecida.Júlio saiu um pouco e depois vamos à sessão de midnight: The invasion of the bodysnatchers, de Don Siegel (1956), que eu já vi em 56 mesmo, no São José; vagens que passam a viver e invadem tudo, como monstros; tudo isso me vem à memória como coisas mais estranhas que se passavam no cinema; você já imagina, né?

Quero procurar separar coisas pra você logo, essa semana; tenho feito tanta coisa que nem tenho dado um pulo na east side bookstore, pra ver media, revistas etc. Imagine que Vergara deve chegar a qualquer momento; Fontoura escreveu perguntando se pode ficar aqui, em setembro; tenho que decidir tudo isso; o problema é que não sei se mudo ou não; tudo no se é talvez; let's see.

Dê-me notícias do pessoal; principalmente das irmãs Salomão: voltaram ou não? e Luis Fernando, que fim levou? nunca me res-pondeu a carta nem nada.

Vou escrever para Rogério; I hope he digs it; realmente o adoro.

Beijos pra Ana e Thiago

and you.

Love.

Hélio:

Salve. Isso aqui ainda está muito confuso (ultimamente não tem estado fácil, ninguém encontra ninguém e as coisas todas se arrastando enquanto as pessoas vão perdendo aos poucos a paciência e aos poucos desertando das bocas e das promessas). O que se transa não é normal. O que termina acontecendo, no duro, ninguém pode prever. Quebração de cara geral - e eu, que já estou cansado de quebrar a minha, termino achando a coisa até meio natural: não me espanto mais, mas também não desisto. Soma, a tal revista que eu pretendia botar na rua, parou completamente. A certa altura, a coisa ficou impossível de ser produzida aqui no Rio, e em São Paulo, onde acabou surgindo uma brecha, eu mesmo não tenho condições: não há como sair do Rio agora, nem eu estou a fim. Passei tudo para um pessoal amigo meu de São Paulo e estou na escuta. Pode ser que saia, mas se sair já vai ser outra coisa e eu não quero ter nada a ver com aquilo. No máximo, se colar, enviarei colaborações minhas e dos meus amigos. Presença, um jornal que estava sendo transado, continua sendo. E o seguinte, Hélio: eu acredito que esse jornal termine dando pé, e talvez rapidamente, antes do final de novembro, está tudo encaminhado e já entreguei o que tinha de entregar para o primeiro número: um negócio meu, aquele treco antigo do festivaia, um artigo seu 'notas', que Tvanzinho me entregou e um artigo fantástico de Luiz Otávio sobre Zé do Caixão. Era o que eu tinha para Presença e já está lá. Espero que esse jornal saia logo depois da Flor do Mal, finalmente, vai sair. Andou perigando muito, muito mesmo, problemas de censura com o Pasquim e Maciel. Mas ontem foi liberado. Dentro de quinze dias sai o primeiro número. Estou escrevendo daqui, depois de conversa com Maciel sobre tua entrevista com Haroldo. Maciel está com ela há mais de quinze dias, mas me disse que não sabe o que fazer, por causa do tamanho, é muito grande para ser publicada num só número do jornal e ele mesmo não vai cortar nada. Pede que você instrua a respeito logo, porque está sem saber como publicar a matéria. E pede mais: que você mande outras.

Tenho recebido as cartas, jornais, cartões e livros que você envia. E enviei pra você, por um cara chamado Sérgio da Cruz, compositor, a fita com a gravação de Emilinha. Esse cara apareceu depois que o irmão de Waly (nunca mais vi Waly, vejo Jorge que tem aparecido mais, telefona pelo menos) viajou para Nova York. Não encontrei irmão de Waly a tempo, mas no dia seguinte pintou esse cara, que eu conheço pouco, mas estava indo de qualquer maneira. Não tive confiança para mandar aquelas fotos que você me pediu há bastantetempo e que estão comigo, mas deu pra mandar a fita e um bilhete. Espero que você já tenha recebido. Sobre aquelas fotografias: as que consegui (seguirão mesmo pelo correio) não são boas. Aliás, eu acho péssimas. Parece tudo fotografia de cinema, sabe como é? Reinaldo já havia se arrancado do jornal e o que consegui foi na marra, tirando de leve do arquivo. São as frias. As quentes já haviam sido destruídas por ordens superiores, foi o que eu soube. De qualquer modo

vou mandar as que pude conseguir. Você verá e decidirá se devem ou não ser usadas. Fica a teu critério.

Na Geléia Geral, a coluna que estou fazendo em UH, tenho publicado quase tudo o que fico sabendo daí. (Vou mandar alguns xerox pra você.) Quando soube do boato da tal exposição em São Paulo, arrisquei e dei uma nota por minha conta afirmando que você não iria fazer exposição nenhuma, nem capas para Veja. Agora, depois que chegou seu texto sobre o assunto, publiquei por lá também porque acho esse assunto urgente e ficar esperando que esses jornais saiam é perder tempo. Nunca se sabe ao certo. Botei lá mesmo, mas não se preocupe: somente de uns poucos dias pra cá tenho visto que essa coluna está pesando muito aí pelas bocas, que o pessoal lê mesmo e tal. Tua bronca está num bom lugar, pode crer. Publiquei também, um dia desses, um trecho de tua carta antiga sobre Angela Maria. A censura do jornal me preparou uma de tirar o "estúpido" de antes do "Flávio", como estava no texto, reclamei, é claro, mas só depois que a coisa já tinha saído. Ficou muito esquisito "o Flávio", uma intimidade horrorosa, mas espero que você compreenda tanto isso quanto os erros de revisão. Ninguém pode fazer nada contra isso. E a tua presença, fantástica, enfeita muito o meu canto no jornal. A outra nota que você mandou, sobre a entrevista com Haroldo (mesmo sabendo das transas aqui da Flor do Mal), entreguei para o Daniel Más, que vai publicar ainda esta semana. Daniel está mandando reclamar que você o abandonou, não escreve pra ele, não manda novidades etc. A boneca está transeiríssima, já foi três vezes à Europa desde que estou no jornal. (Chegou de lá na semana passada, viagem de quinze dias, imagine o luxo.) Daniel é fantástico. Estou adorando (todo esses recortes seguirão logo pra você).

Nosferato do Brasil ainda está sendo filmado. Semana passada vimos os três primeiros rolos e vários slides, tudo fantástico. Ivan Cardoso é outro cara que eu estou namorando agora: filmes de vampiro, transas por aí, você acha que eu ia perder uma maravilha dessas? quando você puder ver essas coisas vai dar pulos. O filme está incrível e as caras que providenciei para mim são inacreditáveis. Tomei um susto quando vi. Fantástico! Quero fazer filmes com Ivan e mais alguns. O que você acha? Ivan me disse que ia mandar pra você alguns stills do filme, mandou? Gostou?

O livro sobre cinema underground americano que você me mandou é da maior importância aqui pra gente, muito obrigado. Erobô? não chegou por aqui. Estou com vários discos pra você, esperando que alguém de muita confiança apareça pra levar. Discos, algumas revistas e muitos recortes. O que puder, mandarei pelo correio. Waly está transando o Alfa-alfavela-vila, com Luciano e Simão, foi o que eu soube através de Luciano (foi lá em casa esta semana). Talvez por isso ele não tenha aparecido nem tenha escrito ultimamente pra você. Ele publicou um texto fantástico no underground do Pasquim. Você recebeu? Se não recebeu me diga que eu mando

também. É realmente fantástico. Waly, por sinal, está calado e sumido com parcimônia.

Acho que vai sair um bicho grande desse mato: ele está tão concentrado nas coisas dele, é realmente fantástico que consiga fazer as coisas que tem conseguido. É preciso muito culhão, meu filho, a maior parte dos idiotas desta terra não faz nada enquanto espera condições ideais pra fazer xixi, cocô, livros, filmes. Aquele conformismo geral que você saca muito bem e que não mudou nada. Exceto, talvez, nessas transas com imprensa, jornais etc., digo: Maciel, Rogério etc., isso, esse lado, está animado, o resto é besteira, careta e felicidade geral das crianças. Paz, amor etc., sabe, né? Sim, Hélio: aquele livro, Vida e sexo de Andy Warhol, pintou? e1,tou louco pra ver isso. A fita da Emilinha: fui na casa da Presidente da associação dos fãs clubes de Emilinha Borba, em Vila Isabel, pra conseguir o disco para gravar. Fui lá num sábado de manhã e a mulher enlouqueceu. Queria saber pra que era, tinha de anotar tudo, a maior burocracia desse mundo, incrível. Assinei até um papel pra levar o disco pra casa. No dia seguinte fui levar e fiz uma amizade enorme com a mulher. Agora está lá, à disposição. Se você quiser outras, diga, agora é fácil.

E acho que é só. Atualizei e tal - agora volto à normalidade. escrevo semana que vem, na certa. Abração em Vergara, que deve estar ótimo, pelo que você diz. Paulo Francis te citou esta semana no Pasquim. Disse que ia te encomendar uma macumba pra liquidar com o time do Vasco, só pra chatear o Sérgio Cabral, que tal? macumbeiro em Nyk? sim senhor. Tchau. Mande dizer as novidades. Ana e Thiago, andando, tudo firme. Ana está trabalhando com Rogério aqui na Flor do Mal. Tudo limpo.

Beijão,

Torquato

7, out.

Taí, Hélio: nesse corre-corre daqui, terminei sem botar essa carta no correio até hoje. Agora vai. Ivan Cardoso me disse que vai pintar, ainda esta semana, um portador barra-limpa até você. Por ele estarei mandando os tais discos de que falo e mais outras coisas. Li a carta que você mandou para Maciel (ele me mostrou) e combinei com ele que as coisas que você me mandasse, à medida que cheguem, a gente divide. A tal Presença sai dia 15, com o teu texto; é claro que

- se você quiser - vamos querer mais para o número seguinte (a revista será mensal). Se a entrevista com Maria Montez chegar a tempo, com certeza vai pra lá. Depois dessa carta aí, passei a ver Waly: ele apareceu aqui em casa e nos encontramos algumas vezes nesses últimos dias. Rogério está louquíssimo, mas produzindo de qualquer maneira a Flor do Mal. Ninguém sabe o que vai ser feito desse jornal. A censura está de olho e os generais da moda devem fazer o possível para atrapalhar a coisa. Um deles deu entrevista, semana passada (e entrevista distribuída pela Agência Nacional), pra dar a seguinte sugestão: depois da morte do Lamarca, os terroristas estão fudidos como combatentes de fato etc. e - imagine - "passarão a 'atacar' através de jornais, cinema, teatro etc". Que tal? Está fada, meu filho, mas nem por isso. Tiros no saco. Calcule. E Gil, como é que está? esse show, você não podia pedir a Guilherme que me consiga umas fotos, urgente? Seria muito bom aqui pra nós e pra eles. Diga a Guilherme que mando abraços e diga a Gil que mando beijos (Gil é uma das poucas pessoas antigas que eu continuo amando com a mesma loucura, ele sabe disso). Vamos ver: A Flor do Mal está marcada para sair dia 13, mas, na verdade, ninguém tem mais certeza de nada. Maciel parece muito calmo, mas é porque está transando alto com os americanos do Rolling Stone: parece que as coisas estão andando bem e a edição brasileira vai sair em fins de novembro, editado por ele. Veremos e tomara que sim.

Agora vou sair só pra botar isso no correio. Tenho andando tão duro de dinheiro que as menores coisas parecem impossíveis, é impossível. E o pior é que não tenho parado de trabalhar desde o começo de abril, nem vou parar, quero é me arrancar breve, e com dinheiro.

Beijão, outro, mais um.

Babylon: oct. 10, 71;

Torquato, estou enviando rápido esse pequeno material para a geléia geral: não é resposta à sua carta, o que devo fazer com calma depois envio ao mesmo tempo um texto para Maciel flor do mal; vou enumerar umas notícias de última hora.

Envio xerox de New York Times: um review sobre o show, ruim, mas ótimo sinal: além disso o show vai ser levado mais uma semana, tal a avalanche de gente que tem comparecido; o review é favorável; digo ruim, porque como você vê o cara é bem superficial; mas é bom que tenha sido favorável, pois é um show de Gil só; prova de fogo.

Gil cantou no Folk City, na rua 3 no Village, onde Bob Dylan apareceu pela primeira vez; é um bar parecido com os do Harlem; hang-out de tudo o que é músico, dope dealer etc.; não vi o show (Gil cantou 3 músicas) mas todos parecem ter curtido muito; o público delirou e o cara do Folk City quer mais.

Todo mundo gosta demais do ambiente que fiz; o público fica banhado sempre em áreas de luz, cortado em diagonal; Gil canta a primeira parte under blue com spot fixo nele, branco; a outra parte da diagonal está vermelha; na segunda parte Gil está numa área de pedras de brita, e canta under amarelo, spot branco; outra parte da diagonal está vermelha; a mudança de lugar foi muito legal; Guilherme implicou logo com o fato de ter luz sobre o público, mas todos elogiam tanto que ele parece se ter convencido; é arena; mando foto feita por Miguel; please, creditem a foto a Miguel Rio Branco quando publicada; são fotos especiais; como prometi o material a Maciel, mando outras para ele; como a manchete vai sair com outro tipo de material, penso que esse possa ser de uma absoluta exclusividade; espero que chegue logo; Vergara prometeu mandar pela varig demain, vamos ver.

Quero dizer logo uma coisa: o tal Sérgio Cruz não apareceu com fita nenhuma; ele veio direto pra cá? When?

Vou mandar ainda essa semana um texto meu de umas 3 páginas, que talvez sirva para a *Presença*; não sei se será too difficult; é um texto importante para mim, que tipo de coisa vai sair nessa revista? assim que sair o primeiro, mande-me; quero selecionar coisas que estou fazendo, sobre diversos assuntos & fotos.

Estava sem saber como começar o texto sobre o Mario Montez, pois não adianta eu transcrever coisas da fita que gravei, sobre assuntos que ninguém aí vai saber o que é; estou então redigindo algo que seja como uma introdução a ele; as fotos feitas por

Vergara ficaram simplesmente sensacionais; como o próprio Vergara vai nessa semana, e also Paulo Vilaça, um dos dois vai levar o material; aguarde!

Recebi recorte do texto sobre Angela Maria, da carta; achei ótimo, e foi uma idéia boa colocá-lo; a foto é genial! muito de acordo com tudo; mandaram-me outros recortes de geléia geral, mas não tenho o que saiu com o tal texto que enviei; deve ter tido o efeitoesperado; quanto a Daniel Más, tudo bem, mas é que já cansei de mandar material legal e ele nunca publicou, entende? não quero perder tempo assim; além disso, prefiro você, que já sabe o que penso e falo, outra coisa! mora! chega de desinformação e alienação;quanto mais claras as coisas, melhor, a meu ver; mesmo Guilherme não sabe o que sou, ou faço ou quero; gostei de fazer esse pequeno e quase que insignificante trabalho no show de Gil, mas ao mesmo tempo sinto que não poderei trabalhar muito junto a Guilherme: questões de informação estética, ou sei lá o quê! tenho idéias muito loucas sobre shows, e coisas com participação de públicoetc.; já uma coisa tão pequena quanto a de banhar público em luz (que não é nenhuma novidade: vide todo o teatro de vanguarda feito aqui e alhures, que não conheço bem mas sei que já fez coisas muito mais ousadas; bem, já basta ter visto living theatre; a questão é que eu jamais pretenderia, num show tão pequeno e sem dinheiro, fazer nada dessa ambição: seria ridículo!); veja que ironia: quando se quisessem me deixar fazer tudo o que os artistas com quem gostaria de fazer algo, vejo que possivelmente nunca poderei fazer; paciência;melhor assim do que fazer algo em que não se acredita.

Recebi todo o material de Ivan; diga a ele que mando carta por Paulo Vilaça ainda nesta semana; adorei você N osferato; adorei Carlos Pinto: dê um beijo nele por mim; gostei muito da fita gravadaque ele e Waly me mandaram, com músicas e tudo; puxa! se gravassem aquela de carnaval, sei que poderiam fazer um supersucesso e ganhar uma nota firme; mas Elis não vai gravar! por que não tentama Angela ou Marlene? tem que picaretar, senão não sai! digo, ser mesmo mau-caráter e fazer a música sair de qualquer maneira; você sabe; imagine que eu estava assobiando a música, e aí o Omar me disse: sabe, isso é a de Waly e Carlos Pinto!; depois disso tenho certeza que a coisa pega mesmo, e fico torcendo pra sair; por que Elis está sempre no chove não molha? queria que você me mandasse o endereço dessa mulher, pois vou escrever falando tudo isso; outra coisa: imagine que a Angela esteve aqui cantando a poucas quadras daqui, mas como sempre, desses festivais ninguém ouve falar aqui! uma burrice, pois poderia ter estado com ela e gravado uma conversa; só soube por acaso quando vi um papel careta sobre o festival com a J oanne N ottlitzer, que é a diretora do theatre of latin america que promove o show de Gil.

Amanhã vou ver Zappa com Omar; já temos tickets, que vieram pelo correio; dia 13, Traffic, na academy of music, no mesmo palco onde Angela cantou, aqui na rua 14; no

mais, só tenho ido ver musicais aqui perto, Judy Garland, Gene Kelly, Eleonor Powell, Fred Astaire etc.: coisas absolutamente incríveis.

Torquato, depois vou mandar mais coisas, quando Paulo for; só estou enviando esse material correndo, para sair logo; sua carta chegouem dois dias: colocada dia 7, chegou dia 9: genial! torço para que vocês continuem na imprensa, e com todos esses planos: são as únicas pessoas em que posso confiar, e que me interessam no Brasil, e adoro dedicar meu tempo a fazer coisas pra vocês.

Mando então mais depois.

Love for you, Ana, Thiago. Beijos.

Hélio: salve,

Eu fico sempre escrevendo atrasado e você deve compreender: por mim seria fácil. Não tem dado muito pé. Estou sempre te devendo cartas, respostas, notícias, trabalho. De vez em quando me consolo imaginando que boa parte das coisas (recortes e publicações, principalmente), outras pessoas estão podendo mandar com alguma regularidade; não tenho o jeito de me propor a agir assim sem falhar: quando não falta tempo (absoluta falta), falta até dinheiro pra mandar envelopes; se pinta um portador, ou me dizem em cima da hora ou só depois; guardo as transas e de repente fico sabendo que já chegaram aí por outros caminhos mais rápidos etc., de modo que você faça o favor de me perdoar os desacertos dessa correspondência: de qualquer modo, eu acho, a gente vai se entendendo na confusão geral. Te falei no cartão que a Presença vendeu bem demais: vendeu. Transamos aquilo de modo que somente a partir do segundo número começaríamos a receber algum dinheiro. Mesmo sem autorização expressa sua, meti seu trabalho nesse bolo, principalmente porque estou enfiado nisso na base da aposta: aqui no Brasil, agora e de repente, essas transas de jornais etc. assumiram uma importância estratégica das mais fantásticas e eu acredito que todos nós, de qualquer jeito metidos na transa, devemos arriscar. Agora que a Presença está pintando como se sabe, e dentro do que eu já havia falado pra você desde os tempos do Plug, estarei entregando algum tutu para dona Angela te enviar em breve. Breve assim: 150 cruzeiros por cada colaboração e pagando duas de cada vez, pelo menos na primeira vez. É meio merda, Hélio, mas pode funcionar e eu também não posso te garantir mais, pelo menos na Presença e pelos três, quatro primeiros números. Acho que é melhor do que nada e - believe me - é mais do que qualquer colaborador está recebendo, mesmo aqui no Pasquim - você sabe. Isso tudo porque recebi sua carta e o autógrafo de Gil: sobre sua carta: ficando sem a bolsa e cavando tutu, compreendido: sobre o Gil: vamos namorar? bom: seu poema para a Flor do Mal foi inteiramente censurado pelo general. O Jaguar, como sempre faz, perguntou o motivo da censura e o general explicou que não havia entendido nada e que não poderia liberar, claro, um treco que ele não entende; a página censurada, com um puta Xis de lado a lado, impressa e tal, mas com o risco vermelho por cima, feita pelo general, está comigo para você. É também uma espécie de troféu ... Continuo segurando minha coluna em UH. Faço uma força do diabo e vou agüentando. Tem dado pé, principalmente porque, de repente, virou a única coisa assim diária na imprensa do Rio. Um sucesso, meu amor, que eu mesmo não quero (por vários motivos) acreditar.

Daniel Más fez uma página underground (seja assim), e botou quase tudo em torno da gente: Waly, cada dia mais concentrado e passeador, é uma estrela que me ilumina,

mesmo quando passamos muitos dias sem nos ver; Carlos Pinto fundiu a cuca, provisoriamente, e por enquanto não tem condições de - pelo menos - cantar numa sala (mais complicado do que Macalé, embora noutra estilo, igualmente insuportável numa hora dessas); Elis Regina e Nelsinho Motta são dois idiotas filhos da puta e trapalhões: seguraram a marchade Carlos e Waly, juraram que iam gravar (como se fosse uma espécie de "favor", calcule) e de repente Menescal me chama na Philips pra dizer o seguinte: que em dois meses Nelsinho nem sequer havia mostrado a música a Elis e que ele, Menescal, havia mostrado agora e que - calcule mais - a mocinha não tinha se ligado muito. Não me surpreende a burrice dela nem deles, mas não deixa de ser incrível. Menescal propôs (Menescal transa limpíssimo) e Waly concordou eu apadrinhei a gravação da marcha por uma cantora absolutamente inédita, Lena Rios (que tal?), e agora vamos ver. Vai pintarno carnaval, seja como for. Bom: terminamos, finalmente, as fil-magens de Nosferato no Brasil. Ontem à tarde Ivan me telefonou pra dizer que quase tudo já está montado e que veremos logo. É uma transa que me seguiu muito, e animadamente, adorei poder conversar de novo com Ivan - eu não tinha sequer cumprimentado ele desde que cheguei da Europa, por motivos que até você desconhece. Depois, quando ele apareceu com o filme para fazer e eu já estava, felizmente, mais tranqüilo, foi um namoro curtidíssimo: o filme do vampiro, que eu adoro ter podido transar, mais: estou preparando uma série de pôsteres para publicar na Presença. São umas transas que eu estou muito a fim que você veja logo, de modo que estarei mandando esboços junto com esta carta; são poemas da necessidade urgentíssima e você verá. Mande me dizer sua opinião. E a transa no Central Park? Me conte. A carta que Guilherme me mandou, junto com uma sua, foi providencial: eu já estava começando a desconfiar que todos os níveis da conversa baiana houvessem me atingido; Guilherme e depois Gil, com seu autógrafo, me deram beijos que eu não agradeço, mas adoro. Sua reportagem com o Mario Montez sairá com destaque natural na Presença, no dia 0. A foto de Carmem Miranda no jornal de Andy Warhol será aproveitada, como você quer (a sorte que a Presença não transa censura, feito a Flor). Mas eu gostariamuito, à parte isso, de fotografar aquilo, ampliar um pouco (ou não?) e tirar um pôster para venda (mesmo clandestina) por aqui. Acho importantíssimo para o Brasil, hoje: a xoxota notável em hollywood. Essa transa pode ser muito legal, porque Carmem Miranda é um monumento nacional, conforme você está cansado de saber, e mostrar a bocetinhaonha de um monumento desses, aqui, agora, é muito quente. Diga de lá. O museu da Imagem e do Som, por exemplo ... Bom - a campanha por aqui continua geral. Eu quero saber onde vamos: os caras do Cinema Novo chamaram Waly e eu, além de Ivanzinho e Luciano, para uma entrevista sobre o underground brasileiro. Foi uma verdadeira loucura, Hélio: Jabor, Mário Carneiro, Paulo César Sarraceni e Fontauro querendo saber das transas: foi uma loucura essa entrevista (para o Domingo Ilustrado) e estou certo que nem Jabor terá coragem de publicar nada do que dissemos pra eles; uma verdadeira batalha; Waly brilhou e eu saí esculhambando os caras durante a entrevista inteira: de onze da noite às quatro da

manhã, com gravador e tudo. Um verdadeiro ninho de ratos, ratinhos, covardia e falta de caráter até por lá, geral. Você vai ouvir falar desse papo, sim: Vergara está por aí tudo, pintando. Pinta firme agora, que bom. Hoje mesmo vou ao coquetel do Open, que ele me telefonou chamando.

Acontecências, tchau

Babylon: nov. 24, 71;

Torquato, acabo de receber a encomenda via Fabiano; adorei, foi divino; thanks; as fotos são ótimas; adorei Angela e Carmem Miranda (veja que maravilha estréia hoje aqui, no recorte!): imagine, na pasta do esquadrão! típico!

a) Não quero que você gaste em correios me mandando coisas; vá reservando e mande ou por portador ou pela mãe do Miguel (que são embaixadores e vêm pela mala do Itamarati; que ironia ...); mas essa encomenda realmente foi bom ter vindo desse modo (not everything can be send diplomaticamente; se bem que nunca abram; olhe, tenho o rº número da flor e da presença: mas são de Fabiano, e a boneca os quer de volta; pode separar e deixar junto com outras coisas, e mesmo de lá de casa mandem; basta você entregar; se tiver portador, avise que eles entregam; estou louco (e tenho mandado reclamar muito) pois nunca recebi o tal pasquim com Gil-eu; só mandam dizer etc.

b) Olha, a coisa do dinheiro é ótima; faça como você diz; tam-bém acho que é melhor que nada (porque, enfim, gasta-se à beça até pra preparar material aqui, mandar e tudo; a vida está mais cara do que nunca, em Babilônia!)

c) Adorei que Babilônia haja sido censurada! coisa de gênio: não só ele não entendeu, como deve ter sentido que se tratava de algo bem sinistro; conte isso para o Haroldo de Campos (ele gosta daquele poema); espero que Maciel mande logo: posso até reproduzir no tal livro (depois conto), ou fazer pôster! essa notícia me deu extrema alegria. Vou contar para o Augusto em Austin. Telefone para Haroldo contando isso (eles o adoram; como eu).

d) Não me importam que as fotos pareçam filmes: não são de conteudismo naturalista e me agradam bastante; chegaram bem a tempo, pois vou projetá-las em Rhodislandia semana que vem, no meu projeto que vai ser construído em 2 dias pelos estudantes: Rhodislandia, um contact.

e) Rhodislandia é a primeira coisa mais de peso que farei aqui. Uma sala enorme coberta de brita cinza no chão; em diagonal, corta: uma área livre para performances, a outra dividida por telas de nylon fazendo cubículos para serem feitos ninhos; farei fotos e lhe mando depois; pensei em convidar o Steve Ben Israel, do Living Theatre (estamos todos muito amigos, agora) para falar sobre a tal experiência do Brasil; mas querem pagar muito pouco, e ainda não me decidi definitivamente; decidirei quando chegar lá segunda dia 29; pensei também em projetar a Falecida de Leon e Matou a família de Júlio, mas Fabiano pede uma soma enorme para emprestar ou alugar os filmes; portanto, creio que o assunto do living seja mais viável; não sei de nada; só sei é que os estudantes pensam em improvisar acontecimentos; vou mostrar slides-

conferência no tal recinto e penso em projetar essas fotos-squad, que inclusive têm muita relação com os slides de Los Angeles (touch symposium de 69): uma pequena série que parece uma encenação-squad; depois mando texto sobre isso com fotos para a presença. Combinado.

f) Fiz conferência na Cooper Union (School of Continuing Educations; para artes) aqui no East Village; foi um sucesso (128 slides); esse pessoal amigo do Living estava lá; fui apresentado pelo Hans Haacke, um artista de vanguarda alemão, muito famoso agora (inclusive causou célebre protest-broncas, sendo expulso do recinto do Guggenheim, ou censurado; fatos importantes no país "livre"): apresentou-me como um "caso ímpar e precursor de coisas importantes na arte internacional, vindo do Brasil"; e essas palavras, ditas por ele, tomaram um aspecto tão favorável para mim, que me sinto mais confiante em fazer approaches novos etc., questões psicológicas, importantes; pois, chauvinismo nas artes americanas, é o que mais existe. Noticie isso se quiser. (Não noticie por enquanto o fato de Living Theatre ir ou não a Rhode Island; só depois, se forem mesmo; tenho medo que comecem a espalhar isso pela imprensa brasileira e depois pensem que quero me promover à custa deles; digo, eles aqui pensem isso; você sabe.)

g) Tenho recebido muito suas colunas; estão dinâmicas e você bem ousado, o que é ótimo, nesse meio de água-morna da imprensa carioca; tenho loucura pra ver o tal domingo ilustrado com o que teria saído, por Jabor; Teresa Simões tem me contado muitas coisas sobre as cartas dele; estão todos confusos e loucos, por ignorância de muita coisa, mais do que por burrice mesmo (se bem que essa também exista): estão fascinados pelo que não conhecem, muito provinciano sem dúvida; querem encontrar saída onde não existe.

h) Vou enviar uns pôsteres de presente e outros pra vender, lá pra casa; claro que há para você e para todo o pessoal da pesada; o que eu pensei foi assim: são pôsteres de Rhodislandia, lindos, com foto feita por Miguel; pensei que você pudesse reproduzi-los na presença ou na sua coluna, e anunciar a venda (vão custar CR\$ 60 cada); vou enviar roo lá pra casa e as transas poderiam ser feitas assim; esse dinheiro vou rachar com Miguel, que tem me ajudado sempre com fotografias e nunca pude retribuí-lo; será que vendemos roo? I hope; tenho mais roo, e se vender, mando-os.

i) O David Neves está aqui em New York; encontrei-o hoje numa sessão matinal no New Yorker: Memórias de Helena; ele volta praí dia 7; não sei se mando os pôsteres por ele; creio que seguirão mesmo via Miguel e embaixada; mas, mandarei algo (publicação ou o que seja) por ele; provavelmente matéria nova pra presença; estavam na sessão: Naná (que agora é na Nana; estrela máxima aqui, de repente; New York Times publicou um review ótimo sobre o show de gato barbieri e elogia Naná à beça), Afonso Beato, Teresa Simões (que mora aqui perto e fomos juntos), Miguel etc.; quanto ao filme, penso o que você já sabe: é artesanalmente bem-feito, mas me grila

otipo de narração naturalista, começo-meio-fim etc.; os sets são incríveis (que beleza de terra! E eu aqui nessa cidade expressionista ...)etc.; mas, too nice pra mim; agora, tem outro nível em comparação com pindorama de Jabor etc.; nunca vi coisa pior, e nas sessões aqui foi um horror pois saí correndo pra não ver Jabor, pois me sentia com vergonha sem saber o que dizer!

j) Eu queria mandar um pôster do festival de cinema do terceiro mundo, o cartaz é Naná entre outras coisas: mas Fabiano só podia dar um (a boneca nem o cu dá mais; mas não posso me queixar, pois tenho visto Festival Rossellini só com passes dados por ele ...); mas, me disse que mandou para o MAM Cinemateca: procure vê-lo; prometi a Naná que faria isso; vou entrevistá-lo pra vocês; mas, a estrela agora tem que ser com appointment (o que acho ótimo), pois está booked em tudo que é cidade nos arredores e alhures; adoro ver a alegria e o sucesso de Naná, depois de tanto hasslo aí, burrices da Philips, and so on.

k) Entrevistei, mas tenho que transcrever do gravador, o Aírto Moreira, que com Flora Purim e o Hermeto fazem muito sucesso: gravaram com Miles Davis (no Fillmore e na ilha de Wight), e outros babados; o show deles no Village Vanguard (que é o mesmo lugar onde Naná e Gato estavam, e onde Gil cantou uma noite) foi um sucesso: era um quinteto novo do Chie Korea, ex-pianista de Miles Davis: são músicos sérios, e gosto muito deles; Aírto e Flora são consideradíssimos aqui; conheci também um flautista black-sexy Hubert Laws, que também faz parte do quinteto; esse material mando praí, depois; eles vão pintar no Brasil em dezembro para uma filmagem de um americano do norte etc.; o Hermeto já está de volta aí; penso que vocês talvez possam entrevistá-lo e juntar com o material que mandarei daqui; o disco deles toca em tudo que é rádio.

l) Diga a Luiz Otávio que tive idéias ótimas esses dias para o sound-track do plano-sol; mas mandarei as instruções para que seja construído aí; a merda é que tudo é fácil e difícil aqui: p. ex., estúdio e gravador para fazer a coisa perfeita; I can't afford, por enquanto; por isso, mando por escrito etc.

m) Olhe: as revistas me deram vontade de fazer coisas; achei por-reta; acho que devem ter melhor revisão (aquela lista de livros essenciais de underground está loucamente mutilada; são erros graves); please, mande uns dois exemplares quando sair o de Mario Montez, pois devo dar um a ele. Que houve com Rogério? Foi internado e já saiu? Olhe, quanto a Vergara, confie sempre nele: nossa convivência foi ótima e ele quer saber e fazer coisas; nem há comparação com Mr. Gerschman. Torquato, mande o tal poema-experiência que você me diz na carta. Tenho lido muito e vou estudar grego pra poder ler Homero. Quando tiver tutu: curso de \$ 75 naquela loucura dele, aconselha coisas difíceis de se encontrar: Propércio, p. ex.: além disso tenho que estudar latim. Conheci um poeta amigo de Augusto, que edita Story Brook, super-revista literária: George Quasha; genial; em Rhode Island talvez publiquem o tal álbum (vou levando o layout); fiz e mandei layout para capa do disco

novo de Gil (Our Leve); que transa nosferática foi essa, besides the film, com Ivan?;
aqui, escuro às 16 horas, prestes a nevar. Vou ao correio; mandei reclamar falta de
notícias suas; disregard; beijos em Ana, Thiago,

29/noveinbro

hélío:

recebi tua carta hoje de manhã e ia escrever depois de conversar, hoje à noite, com waly e ivan cardoso, na primeira exibição completado nosferato no brasil. mas indagora ana telefonou pra contar que a flor do mal acabou de acabar: ordem dos homens, claro. é terrível,esses últimos dias por aqui não estão fáceis. transas incríveis nos altos-escalões da república, sabe como é, estão se digladiando de novo por lá e nessas horas a coisa só cai na cabeça da gente. a tensão está terrível, há duas semanas. oficialmente, como sempre, não há nada e os jornais ignoram tudo, claro, senão fecham na mesma hora. mas essa de acabarem já com a flor é mais uma prova do esquentamento geral. está verdadeiramente uma merda e o pior é que não estou com nenhuma condição de sair daqui agora, por uns poucos (sei lá) tempos, como seria muito mais do que conveniente. a presença não vai bem: dizem que o segundo número sai no início da outra semana, mas - sinceramente - nada está certo. por lá, como se não bastasse tudo, ainda está havendo muita confusão interna, picaretagem e tal, você sabe: eu mesmo me afastei e só fico mandando as coisas nossas que tenho. só um bilhete mesmo, porque escrevo com mais calma depois. essas eleições do uruguai podem deflagrar uma coisa incrível aqui dentro. a paranóia, com perdão da palavra, grassa nos altos círculos. waly esteve lá em casa no sábado e conversamos muito sobre tudo isso. ninguém sabe o que fazer, porquea sufocação só deixa pensar em dar no pé, mas também nenhum de nós está podendo. uma droga. josé álvaro editor quer lançar uma coleção chamada na corda bamba, com transas de "underground" etc. capinam transou esta muito bem e waly mais eu, se continuarmosandando e podendo, também publicaremos um livro logo de saída. o de waly é aquele mesmo, modificado por questões de custo. O meu, estou tentando organizar agora, chama-se do lado de dentro e a base é mesmo a geléia geral, mas coisas antigas, coisas dos sanatórios e muito pouca coisa escrita só para o livro, mas mesmo assim, alguma. vamos ver. essa nova transa, a de liquidarem assim sumariamentecom a flor, tem conotações negríssimas, de repente, na transageral daqui de dentro. foi-se a flor e agora? por enquanto fica só nisso mesmo. depois, conforme for, veremos. veremos.

vou tentar botar isso no correio logo. te escrevo com mais calma e muito mais detalhes por esses dois próximos dias. por enquanto ninguém sabe o que pode acontecer imediatamente. isso é que é terrível. não estão me dando meu passaporte, veja que grilo, ainda por cima. vou tentar novamente, através dum despachante de são paulo, ainda esta semana. deus queira que soltem isso, porque - sinceramente - é um verdadeiro terror. chega, te escrevo logo, tua carta chegou bem e me fez muito bem, hoje. beijos grandes.

torquato

sim: pércles chegou de london-london e esteve ontem lá em casa. conversamos muito, até tarde da noite. e ele está muito lindo, mas ainda um pouco por fora. mas está legal e logo se acostuma. vejo o filme esta noite, mais outros dois de ivan. veja: o nosferato ficou com 50 minutos. tchau.

Torquato

21 de dezembro

hélío

ainda bem que eu não mandei no mesmo dia essa outra carta. saí correndo aqui do jornal mas o correio já estava fechado. aí fui para a sessão de cinema de ivanzinho: ele me telefonou indagora dizendo que mandou recortes para você. bom: ainda bem etc. pelo seguinte: quem acabou com a flor não foram propriamente os homens, mas os próprios cafajestes do pasquim, na base do cagaço & conseqüente falta total de caráter e tal. os homens mandaram chamarmaciél mais tite e sérgio cabral e pediram uma explicação para todas as matérias passadas e futuras da flor. combinou-se assim mas aí as velhas se reuniram e decidiram, os cretiníssimos, acabar logo com a transa. ainda vieram alegar prejuízos e anunciar a mudança do pasquim para são paulo. isso tudo tem uma importância enorme porque, você imagina, ter a flor em circulação, aqui, agora, era - sem a menor dúvida a coisa mais importante que poderia estar acontecendo. como sempre, no rio de janeiro, a malhação em cima do jornal era maciça, mas, como sempre, no rio de janeiro, todo mundo estava comprando. era onde se podia publicar aquelas coisas, waly, laing, você, eu, quem quisesse, agora já está fazendo uma falta incrível. grande merda. e a presença, eu já não sei mais: começou a feder e eu saí de baixo. quero ver agora como vai pintar. me garantiram e eu não estou dando tréguas: quero que me paguem os teus artigos. vamos ver. bom: conversei muito com lygia clark e marcamos uma entrevista para - possivelmente - a semana que vem. de qualquer modo irei domingo novamente na casa dela assistir outra sessão especial que ivanzinho vai fazer. a sessão de ivan, nos salões dos taborda, foi uma ação espetacular, pode crer. as pessoas todas caíram fulminadas: tirante quem estava bem por dentro (vergara inclusive), o resto caiu do cavalo. nelsinho motta, por exemplo, achou os filmes porcos e assim por diante. foi fantástico. falar nisso: jabor deu entrevista para a revista pomba (conhece? é uma merda), dizendo textualmente: todo filme brasileiro que não foi feito por pessoa que pertença ou tenha pertencido ao cinema novo não passa de um monte de lixo. pt. saudações. pode? e vem vergara, todo sério, dizer pra mim que eu não devo "confundir os inimigos". ainda bem que a frase tem um duplo sentido dos mais fantásticos e eu espero que ele tenha percebido. me disse isso no dia seguinte da tal entrevista. sim: evidentemente não foi publicada, pelo menos até agora. acredito mesmo que jabor não tenha coragem: tanto contigo e waly, como, antes, com rogerio e maciel, foi uma esculhambação total. inteiramente idiotas. muitos recortes eu não tenho mandado porque waly e ivan sempre mandam. de qualquer maneira, waly transou com José Álvaro editor e estou preparando agora, a jato, um livro para ser publicado logo, na mesma (nova) coleção que waly vai publicar. me segura que eu vou dar um troço. falei disso antes? acho que não. o nome do livro vai ser do lado de dentro. acho que falei. estou transando adoidado pra ver se

consigo me arrancar um pouco desta droga o quanto antes. vamos ver como é que isso pinta. os pôsteres, eu te mando logo. um sai na próxima presença (semana que vem) e o outro, que iria sair na flor, já não sei mais: se ainda houver uma terceirapresença, sai lá mesmo. vamos ver. e se não chover muito, e com ajuda de deus, eu saio daqui até fim de janeiro. pra qualquer lugar, desde que eu consiga levantar um dinheiro que me segure uns tempos. ana vai quinta-feira para o piauí, com thiago.

e enquanto isso eu fico por aqui, transando essa saída que me parece cada dia mais urgente. não está fácil, hélio. os homens estão se digladiando firme lá por cima, o quadro está sendo montado direitinho, sabe como é, e na hora H só vai cair mesmo na cabeça da gente, como sempre. quero assistir isso de longe, ver se repito a façanha de 68. ninguém sabe o que pode acontecer e de repente. pode ser até que contornem, mas como está indo - isso é no duro - parece que nem o médice está segurando firme a cadeirinha lá dele. barra pesadíssima. tchau. espero que rhodislandia tenha sido a maravilha necessária. vamos ver o que acontece. mande os pôsteres que eu e todo mundo venderemos paca. waly recebeu de maciel tua página censurada e está, parece, esperando portador. acho que ele jálevou inclusive para dona ângela. faça um pôster, se der pé: você vai ver que loucura os riscos que eles desenham sobre a prova heliográfica. beijos,

Torquato

vi agora: repito muita coisa que está na outra carta, mas deixe assim mesmo. dois dias diferentes e tudo na mesma: pelo menos dá pra esclarecer bem isso. o "improvisado" anexo não quer ter a menor importância: mando porque fiz na hora que acabei de escrever a outra carta, no outro dia, e é exatamente como eu estava (estou) agüentando essa barra. beijão.

rio, 24 de janeiro, 72

oi, hélio: salve.

esse negócio de não escrever com qualquer certa regularidade, acho que você sabe como funciona comigo - e, portanto, não há por que ficar explicando. tenho recebido tudo o que você me manda (cartas cartões revistas pôsteres transações para publicar etc.), e tenho mandado dizer, por waly, por ivan, pela coluna, por aí tudo. A presença foi-se, você já sabe. mas eu queria dizer que já nesse segundo número (o que tem mário), as coisas todas funcionaram já parando e eu mesmo já estava afastado: virou, lá dentro da rapaziada, uma coisa impossível, disputas, golpes de estado, porra-louquice e aqueleripismo carreirista típico daqui hoje em dia: sua matéria saiu legal, embora eu mesmo ache bobagem (etc.), a transcrição de suas recomendações para composição e recados. com o meu negócio, então, nem se fala. o que saiu foi uma coisa absurda - eu acho - quando o problema que entreguei tinha sido bem diferente, o que, espero e tranço, você vai ver direito, daqui a pouco, na Navilouca. mas isso são outros quinhentos. a coluna em UH você está sabendo. ivanzinho é uma grande vedete agora: desperta ódios e tal: nesse fim de semana fomos passar os filmes prontos para o gil, o solto, exatamente no dia em que os (. ..) cafajestes pintaram com aquela página do domingo ilustrado. isso não é censura, é espanto. foi uma coisa incrível porque lá na casa de capinam com gil e waly e umas outras pessoas além de ivan, no tal dia, um grande problema daqui foi exposto com farta documentação. gil sentiu logo e começou um comício louco dentro de um carro, cacá e eia e o delfim calmon (você estava aqui no tempo do "capitão bandeira"?), veja por onde e como, e a coisa está preta agora. é um verdadeiro carnaval: tudo somado e dividido marrom; eu estou uma fera porque todo mundo baixou no pé do meu ouvido, de león a capinam, e com sorrisos, pra argumentar que prosseguir nessa é, ou gastar energias à toa ou, quando muito, quando pouco, "dar cartaz", "infantilismo", "reagir à altura do baixo nível de lá" e outras coisas que não me dizem o menor respeito. ivan foi pra cabo frio e antes conversamos paca sobre isso: estamos bem conformes, thanks god. waly me disse que tudo foi infantilismo de ivan, por ivan ter escrito aquela coisa pessoal geral que eu publiquei na geléia: veja como estou afobado: eu acho que ivan era a única pessoa pra transar aquela sugestão e muito mais por causa da maneira com que ele transou o texto: me lembra de quando cheguei da europa e duda me recomendava que não mencionasse rogerio e julinho quando encontrasse alguém, mesmo dos "queridos" do cinemanovo. e era assim mesmo. agora, ivan e eu reabrimos uma discussão interessantíssima (porque desde o Plug que eu queria reabrir a discussão geral da cultura tropicalISTA em torno do cinema, e por motivos óbvios pra quem me conhece e sabe que eu sempre só transei com cinema etc.), e antônio calmon escreveu aquelas coisas e eu acho que tenho de dar um pagamento a ele só por causa do que ele de repente passou a representar, com seu filme e essa reação de delfim netto de glauber, filho de uma figura absolutamentereacionária e perigosa que é o teórico deles todos

hoje em dia, e com permissão de glauber, gustavette dahl, enfim: eu estou achando que essa é uma boa briga e que deve ser mantida tensa em todos os níveis e várias estratégias. acho muito legal que ivanzinho tenha sido o novo grilo da moçada, e expliquei isso a várias pessoas "deformação neoconcretista" (como na cabeça da tal matéria, pela editora martha), mas geralmente as pessoas preferem chamar a atitudede ivan de "provocação", "imaturidade" e tal. eu não concordo.e nem um pouco, principalmente porque só ele, aqui, está realizandoo trabalho que você sabe como eu como é que existe e porquetudo que ele escreveu e montou no tal texto é a pura verdade, conforme se sabe e você, que entrou pela janela no texto de antônio calmon, deve ter percebido que não foi mesmo pela janela que você entrou. isso me deu um ódio incrível, porque é uma coisa que me parece, de certa maneira, uma técnica bastante conhecida dos meios policiais: a transação da "pista"; ou seja: "jovens intelectuais de formaçãoneoconcreta" (a piada com os concretos é maldosíssima), a própria "formação neoconcreta" só para esclarecer que "discutir teatro nô é frescura etc." com: "heliotapes: besteiras", concretos gozadores", , "gênio aposentado", e muita coisa mais desse tipo, até a tal pessoa de direita. ivan me chamou a atenção para isso. torquato, ivan, waly sailormoon, HÉLIO ÜITICICA. e a famosa transação da direita. de qualquer maneira tudo vai andando desse jeito. acho que nisso tudo o león tem desempenhado um péssimo papel e talvez eu esteja errado. mas eu acho mesmo que é tudo difícil paca e que pombos-correios-conciliadores-num-momento-desses fazem uma política de conciliação, "reaproximação" com o que pode haver de pior aqui dentro, hoje et pour cause, que é a entregação do cinema. glauber e a construção de chico buarque menos caetano veloso e gil e nós e menos mais e mais rogerio julinho ivan cardoso waly. e as transas de otávio. caetano, meu santo tomás de aquino, fez um show e foi um verdadeiro absurdo aqui dentro, de repente. guilherme explicou, na praia: é a revisão do machismo brasileiro ... economia, eu penso. e guilherme: caetano está muito didático agora. de maneira que o show encerrou mil lições. o rio de janeiro ouriçou-secompletamente e enquanto caetano rebolava como em paris, o povo (você precisava ter visto o público do teatro joão caetano) enlouquecia. numa semana, hélio oiticica, a rapaziada das bocas desmunhecou de mil maneiras: foi o show mais bacana que podia acontecer aqui agora. ivan começa a filmar o longa em dezesseis logo depois do carnaval. a produção está toda pronta e vai ser incrível: está sabendo?: ! : chuva de brotos. o livro de waly sai logo no início do mês que vem, ele já está revisando as provas. luiz otávio anda a todo vapor tentando acertar a produção do evangelho de são tomé.todo mundo acontecendo na geléia.

seu pôster com a transação do subsisto eu estou mandando hoje pra alvinho publicar no verbo encantado, edição nacional. acho que s· ai pelo carnaval ou logo depois. os caras da presença sumiram de circulação, e de medo. não sei deles. o jornal acabou. a flor você já riu tudo. estou com o texto de mondrian e combinei com waly de !!Uardar para a navilouca. seu pôster de rhodislandia eu recebi através de waly. thanks. fizemos, semana passada, eu e zé português, um :ilme superoito dos grandes de luiz

otávio. ainda não vi, mas vou mandar pra você umas fotos: deve estar incrível e se chama helô e dirce, deux femmes. na cinelândia e pela lapa, num domingo de tarde. aguarde. estou a fim de ir passar o carnaval na bahia, se conseguir algum dinheiro vou. e estou esperando suas transações anunciadas para a geléia. a gelete segue depois. está muito legal, beijos.

beijos.

beijos. beijos. beijos. beijos.

Torquato

Babylon: febr. I, 72;

Torquato, thanks for your letter; photos magníficas: Zé Português & vocês estão demais! Umas moças impossíveis: oversight: I lave you; imagine algo que se passou: encontrei e amei um amigo seu antigo, que estudou com você no Rui Barbosa (nem sabia que você havia pintado por lá!) e que ia ao cinema e morava no mesmo edifício que você: Agnaldo, cujo nome aqui é Alex: ele é genial! A boneca dirige um salão de cabelo aqui! Como já era de supor, falamos em você a noite inteira numa feijoada louca uptown perto do Harlem! Imagine que até um gerente boneca da Seda Moderna na Praça Tiradentes apareceu: o mesmo que eu já conhecia quando ia com Maria Helena (mulher de Mineirinho) comprar pano para a Mangueira, nós "mediamos" a metragem por conta própria, com consentimento do tal cara: de repente, em New York! Não é demais?

Mas, Zé Português está demais mesmo; que sarro: Chris já me deu as dicas (ela é minha age.o.te de observação aí, no momento); ele não vai pintar um pouco por aqui para "aperferiçoar-se"?

1) Torquato meu amor: estou falando tanta coisa mas quero lhe dizer das sérias: estou enviando esse texto aí: o Aroldo de Azevedo é com A e não com H como Luiz Otávio escreveu (aliás, cá entre nós, corrijam ou procurem checar os nomes assim como Soto, Malevitch etc., antes de copydeskar: sei que era erro no original, e please, cuidado pra não dar pano pra manga desses idiotas que atacam vocês); estou escrevendo um segundo texto, mais crítico, sobre o assunto abordado por Otávio: ele é genial e é importante que ele faça o que está fazendo.

2) Nessa carta quero lhe dar toda a minha solidariedade: estou farto dos neutros e já discuti aqui com Fontoura por causa disso; mande Capinam tomar no cu, se é que ainda não tomou nessa idade que está (como sempre atrasado): sei e sinto muito bem o que você quer dizer na carta: sempre os que não se decidem: é assim, quefazer? Vergara também me escreve dizendo "que vai me defender oralmente com as pessoas" Whatever that means, "porque acha a briga inútil é não quer perder amigos por isso": mas, sei de algo cruel: ou amigos ou obra: imagine Joyce p. ex., deixar de escrever Finnegans Wake pra não perder amigos: sei que é idiotice a comparação mas é por isso mesmo que funciona; estou farto dos apaziguadores:half-talks: não posso atacá-los, mas posso botar cada um no fogo; Vergara é um cara cheio de qualidades, de vitalidade: mas, por que ter que conviver tão neutramente: problema dele. Há anos que venho falando nisso; é inútil. Mas, vocês estão legais demais: a vitória da "barrapesada" cafajeste: adorei Caetano fica numa posição bem delicada, pois na verdade deveria somehow opinar: pra que lado? ou no meio? É usado agora como escudo pra tudo isso; mande aquela página para Haroldo de Campos em São Paulo (se é que ele já não viu); mande também um recorte de quando sair esse meu texto. Torquato, recorte todos os dias sua coluna: tenho muito aqui, mas nem todas: é a coisa mais importante

da imprensa brasileira:isso gregos e troianos acham, ou fingem que desconhecem: mas é, e está acabado! Estou com você e Ivan nessa superbatalha;

detestei o ataque absurdo de Gustavette no Pasquim: ao menos é mais bem escrito do que o de Calmon: coitados, que fazer? Adorei Gélida Gelatina Gelete de vocês: me deu vontade, junto com o texto de Otávio, de escrever coisas: para isso já estou com Gertrude Stein em punho. Please, faça revisão depois de impresso esse texto que mando; é grave que algum erro se verifique: como você pode ver há coisas que podem deixar dúvidas quanto ao spelling etc., e para isso é preciso estar presente; o texto foi corrigido e está perfeito: talvez Ivan queira mimeografá-lo daí etc.; para imprimir, as palavras sublinhadas podem ser em itálicos. Para mimeografar, como está, já que seria do texto.

3) Acho genial a página de Ivan: Waly que vá à merda dizendo que é infantilismo: ótimo que seja: não acho tão "pessoal" assim: tudo é pessoal e não depende do que seja: Mondrian é pessoal também:e magnificamente impessoal: não achei de modo algum des-necessária a transa de Ivan; que foi essa do discurso de Gil numcarro: Gil é demais: adoro-o; por isso não é citado nunca como o "explorado" culturalmente. Caê, sim (o que nada significa "contra" ele, mas o coloca em posição delicada): as coisas que você dita de Guilherme são besteiras: revisão de machismo, que coisa mais reacionáriaé essa? Guilherme como sempre não sabe formular nada: graças a Deus os resultados dos eventos não dependem dos pensamentosdele! Inclusive um grave defeito de Guilherme: não saber separar o que acontece numa performance de Caê e os resultados, e as coisas da vida real: e se eu disser que Caê é machista? Mautner e eu chegamos a essa conclusão há séculos aqui; acho-a certa; nisso também não vai crítica pessoal nenhuma a Caê, mas apenas uma constatação; é o bacana da coisa: ele é na performance o que ele não é fundamentalmente; há uma dualidade, uma ambigüidade, que é a natureza e a razão de ser de uma performance desse tipo; didático! bullshit; Guilherme ouve as coisas e não sabe onde nem por quê; felizmente tudo inclusive o trabalho dele está acima disso: é abonecamais sortuda (uma grande dose de intuição dele, é claro). Importantíssimo você levantar essa onda de discussão (pode citar isso se quiser): eu, aqui, no meu abrigo do norte me sinto afins e estimulado por isso: nunca duvidei de sua inteligência e dedicação: pensando bem foram você e Rogério Duarte que me aproximaram dos músicos; a isso me mantenho fiel e continuarei a falar até os fins do meu tempo; que se foda quem não entender.

4)Vou telefonar para aJoanne Pottlitzer que está organizando um festival para março aqui: filmes em 16, mas estou convencendo a ela de fazer super 8 também: ela já tem endereços de Ivan, Vergara, e outros; vou pedir para escrever a Otávio, e quem sabe dar pra trancar Helô e Dirce (vocês estão as mais entendidas) se Otávio tiver 16 pronto, also; ele resolve; essa chance aqui é super-rara.

Telefonei e ela vai escrever para você; quem sabe isso vá dar uma certa força ao movimento aí? Fabiano Canosa continua a mostrar filmes como Ganga Zumba aqui, uma merda, pra dizer a verdade: o novo é preciso aparecer; qual é? e esse festival de Joanne (a mesma que fez o show de Gil; ela é bem desorganizada mas não faz mal; pode fazer customs clearance para os filmes etc.; goods chance,no?). Diga a Otávio que faça tudo para poder participar disso; too, principalmente! Tenho receio que estejam todos em Cabo Frio, Bahia etc., portanto inacessíveis; well, that' s it.

5) Vou colocar isso no correio e terminar-começar o tal texto: quero ver se envio com uma foto sei lá de quê. Achei o tal Verbo mais bem impresso que a Flor: que loucura aquela coisa da alucinadana capa: Luciano me diz que foi erro, mas foi um erro simpático:uma absurda referência na capa: contacto de shots pessoais na praia! Genial! Vou escrever para Waly mais tarde; já que estão todos no fogo, mais fogo é preciso; como digo no texto, é fogo de palha mas a posição de vocês é pura dinamite! Tocar no sagrado Cinema Novo (assim como Haroldo nos Heliotapes). Thanks, subsisto para o Verbo; você recebeu a Changes que mandei?

Haroldo é divino: mandou-me livros pela Aracy Amaral (quedeve seguir dia 15; por ela mando outras coisas; ela é genial); contracomunicação do Décio coleção Debates é muito genial e super em dia com a discussão de vocês; tire excertos de lá; sua coluna é a coisa mais responsável: a única que é o vivo-documento-poema, na ambigüidade, nos limites da linguagem, na imprensa brasileira (milagre!): que dá margem à publicação de coisas como estas: Juicy texts; sorva-os até o fim, quero dizer algo, mas please não comente por razões óbvias (não convém atacar as pessoas próximas pra não dividir): recebi o tal Rolling Stone: sabe o que senti como se fosse assim um quadro falso: como se tivesse recebido a Mona Lisa original(supostamente só) mas sem ser ao mesmo tempo: quando se abre, Big Boy no lugar das superfiguras do fantástico consumo de discos daqui: dá uma sensação estranhíssima, mas depois ao repensar,melancólica: por que ter que ser, no Brasil, com mil e um talentos reais gráficos-criadores etc., que ser, cópia ipsi literis do daqui? e Mautner continua spelling Jymmy em vez de Jimi para o pobre Hendrix que horror! O Rolling Stone em si, parece uma peça-paródia, pop-objeto: nisso curioso, mas a realidade é terrível: anacronismo fatal; sem imaginação, pois essa não pode ser copiada: então a coisa é morta: p. ex., a falta de imaginação gráfico-seqüencial das coisas: Caê na capa e no verso, coisa que aqui não fariam: dando portanto uma idéia de começo, meio e fim ao cen-terfolding seqüencial; oh Lord por que não procuram i-n-v-e-n-t-a-r algo?

Beijos, love Ana-Thiago.

Ivan, publique esses pêssegos: rótulo de lata: e diga assim: enquanto vocês dizem besteira eu como pêssegos. Adorei toda essa briga de vocês: enviei 3 textos para Torquato publicar. Envie-me os recortes quando o fizerem: aliás envie todos os recortes de tudo sobre isso etc. Aqui vai o layout de póster Sentença de Deus: I hope you like it; não sei que dia você vai receber isto, pois o cara que vai levá-lo, Ságrilo, segue dia II, e chega no sábado de carnaval. Tudo bem, por aqui. Recebi livros que Haroldo enviou: estou mergulhadono Serafim Ponte Grande que é demais: Contracomunicação do Décio, uma maravilha já tem tudo. Esse próximo mês vou fazer cenário-labirinto para uma "feira" que o Boal vai fazer aqui; veja em que fui me meter, para ganhar dinheiro; essa mesma feira que teria filmes etc.; mas a atividade de filmes seria separada; você recebeu alguma carta da Joana? Porque dei endereço etc., para que ela, se quiser, transe com você pessoalmente. Acho que o negócio do meu livro vai mesmo sair; só depende de um novo orçamento a ser feito aqui; a produção em connecticut sairia mais cara, essa carta como sempre à última hora. Não consigo pensar legal.

Sobre o póster: o layout está por camadas que virão superpostas para ser feito o fotolito: foto por baixo, texto com nomes, malha e título; quanto às letras dos nomes deve ser escolhido um tipo que caiba na largura e extensão com o texto dado (ver layout b); devem ser gordinhas e cheias-brancas, de modo que quando a malha for superposta cobre partes das letras onde cortam linhas, o título vem por cima vazado em branco como no título Legal do disco de Gal. Acho que está fácil entender tudo, acho que vai ficar lindo também, queria que depois você me mandasse outra cópia desse still: mas para o layout e feitura usar esta, pois foi tudo calculado na medida dela: o título corre superposto malha-foto, passando por cima dabola de ferro preta e terminando em cima do pé. O que penso é que depois de montado no fotolito, o efeito geral seja de uma virtualidadede estruturas que se amarram: como um fardo: pé-fardo: penitência total. Sei lá. Meu amor, depois escrevo mais. Vamos ver agora um novo filme de uma bicha, amiga de Maria Montez, no qual a estrela estrela. AAracy Amaral está em New York e quer ver seus filmes quando voltar (ela volta a São Paulo dia 15; é muito amiga do Haroldo etc.; muito inteligente; ela viu muita coisa nos meus projetos que ninguém o havia feito ainda).

Beijos love (Cristina está no mesmo curso que Omar, mas não a tenho visto, só telefonado); Fontoura entrevistou Ultra Violet e vimos vídeo dela: The last supper. Depois conto mais,

Love, beijos, beijos

Rio, 10 de maio.

Hélio, querido:

Salve.

Acho que não apenas eu não tenho escrito muito: pergunto a Waly e a todo mundo e parece que ninguém tem falado: deve ser falta de assunto: pelo menos o meu caso. Desde o carnaval não tenho escrito nada pra ninguém - a Geléia Geral eu mesmo acabei com ela no momento que me pareceu mais adequado: no fim do verão. E tenho estado transando tanta coisa ao mesmo tempo que é a maior loucura. Principalmente a Navilouca; que está dando um trabalho dos diabos e ainda não está nem na gráfica. Parece que Haroldo conversou com você sobre isso, não? pelo menos a julgar por correspondênciasua, recebida por Ivan (via Ana Letícia, ou Ione Saldanha?), ontem. Ele me telefonou e mais tarde nos encontramos na casa de Luci no, onde a Navilouca está sendo preparada lenta e muito cuidadosamente, conseguimos (eu e Waly, que transamos junto esse almanaque), conseguimos reunir um material de primeiríssima ordem. Foi uma luta: primeiro para driblar, recusar etc colaborações não requisitadas; segundo para fazer chegar as nossas mãos todas as matérias pedidas à "equipe" que selecionamos para a revista - acho que você faz idéia das pessoas, mais ou menos entre você, Waly, eu, Otávio, Ivan, Luciano e Óscar, Décio, Haroldo, Augusto, Julinho, Jorge, Duda, Rogério, Chacal etc.: muito poucagente mais. Basta, não? mas esse trabalho todo lento e tal está valendoa pena, porque a revista está ficando uma coisa incrível. Acho, seguramente, que será o acontecimento, no gênero, mais impor-tante aqui dentro por esse tempo todo. Matérias fantásticas, absolu-tamente incríveis, tudo. E o trabalho de produção gráfica (Luciano, Óscar + mais Ana) está ficando alguma coisa como nunca apareceu antes por aqui. Exceto na Invenção.

Havíamos selecionado, de material seu, os pósteres que você havia mandado para a finadíssima Presença mais o texto Mondrian/Rosselini etc. mais texto gelete, agora Ivan me diz que você está preparando mais coisas: fantástico, mande com a maior urgência possível, inclusive o texto sobre as transações do puto do Glauber e mais o que você quiser. Com a maior urgência possível. Ou para Ivan, ou para mim ou para Luciano e Oscar. A Navilouca (você já sabe) é uma revistaem número único, primeiro e único, como o rei momo. A idéia é essa. Se pintar outra, pintará com outro nome, outra transação, outra coisa bem diferente. Espécie de antologia, almanaque, revista indefinida, qualquer coisa assim. Precisamos que você envie, com igual urgência. um slide seu, foto sua, carinha do boneco para a capa, que vai ser uma espécie de mosaico com fotos de nós todos, fotos bem loucas, você imagina e sabe como é - mande logo, o mais rápido possíveljunto com as matérias. Quero ver se a revista está nas bancas até o final de junho, antes das férias de julho. A capa e contracapa serão coloridíssimas: na capa essas fotos de nós todos (menos os paulistas, convidados especiais) e na contracapa aquele prato sangrando do iníciode nosferato. Essa revista vai ficar a coisa

mais bonita, mais violenta e mais incrível que você possa imaginar. Deixe com a gente. Ivan me falou do que você está transando por aí com o Nosferato. Maravilha. Mauricinho me escreveu que tem estado com você (ou simplesmente esteve?): Mauricinho é um cara bem legal e pode fotografar muita coisa aí pra você, quero dizer, te ajudar e tal. Joel Macedo, se apareceu aí, saiba que não foi sob a minha chancela: eu mesmo não suporto esse cara, que é mau-caráter demais e completamente estúpido, além de picareta. E Agnaldo, de quem você me falou em sua última carta? fantástico: nunca mais havia pensado na boneca. Beijinhos, se ainda encontrar. Fabiano Canosa: não foi à toa que Leon deu pulos quando, há bastante tempo, eu disse pra ele que esse cara estava programando por aí. Olha aí. Quanto a Glauber, eu mesmo desisti de tentar conversar sobre o assunto com bastante gente, exceto Ivan e Otávio. Sempre que as coisas assumem um caráter bem maçônico, eu me emputeco e me afasto. Seu (teu) pôster subsistia ia ser publicado no Verbo. Não foi porque no mesmo número deveria sair uma matéria encomendada a mim, Ivan e Otávio, sobre essas transações de cinema por aqui. Os baianos censuraram a matéria (minha, de Ivan e de Otávio) porque se falava de Glauber. Então eu retirei teu pôster e guardei pra Navilouca. Daí você imagina: não estou querendo papo sobre esse assunto com essas pessoas que são ótimas e muito queridas mas que não compreendem a exata extensão das filhasdaptices de Glauber com relação ao problema do cinema - que eles consideram coisa isolada ou sei lá o que do problema geral... dá? Waly mesmo, conversando comigo da última vez que falamos no assunto, disse que não queria se envolver com o pau porque não fazia nem estava diretamente ligado ao problema do cinema. Aí eu não falo mais. Mas Maciel me pediu um treco para a merda do Rolling Stone e vamos publicar lá o que não deixaram sair no Verbo, breve.

Semana passada teve a estréia de Sentença de Deus numa festa preparada por Ivan na casa de Beki Klabin. Foi uma maravilha. O filme é tão incrível que as pessoas todas aqui estão fazendo até agora aquelas carinhas de desentendidos. Zé Português é um ator incrível e o filme é uma barra pesadíssima. Amo, adoro Ivan e tudo o que ele faz. O livro de Waly deve estar saindo semana que vem e creio que ele te remeterá e escreverá junto, logo. Ele me disse um tempo desses que estava esperando por isso pra escrever direitinho, como queria.

Agora que não tenho mais a Geléia, estou a fim de fazer um outro tipo de trabalho rápido para um jornal qualquer (possivelmente o Domingo Ilustrado mesmo, que - imagine - me chamou), uma série de dez entrevistas bem absurdas com o elenco da Geléia. Ainda esta semana quero acertar isso com o jornal e mandar brasa correndo, porque se der pé vai ser outra agitação. O que mais me aborrece agora é o meu filme que quase comecei a fazer há mais de mês e tive de parar de repente por falta de dinheiro. Não sei se te falei nele antes. O título (mais ou menos provisório, não sei, é Crazy Pop Rock. É pra filmar em dezesseis com som direto, na marra. O elenco é uma transação bem legal porque tem uma estrela da nossa TV (Maria Cláudia) e mais Ana,

Simão, Erico Freitas e umas outras figuras. Um filme bem simples, que, no entanto, não me sai por menos de seis milhões - dinheiro que ainda não consegui juntar até agora. Devo ir a São Paulo rapidamente com Ivan, semana que vem, tentar arrumar o resto (metade) que me falta. Aí preparo o filme inteiro empouquíssimo tempo. Queria ver se depois da Navilouca e com, pelo menos, esse filme pronto eu conseguia chegar a Nova York aí por volta de agosto, fim de agosto. Estou dando tudo pra ver se tudo isso dá certo. Tenho me virado pra caralho esse tempo todo, é possível que agora essas coisas se ajustem. Otávio anda por aí, naquela dele mesmo, que você conhece. Ele diz que você não respondeu a carta dele: está intrigadíssimo. Gosto demais dele, você sabe, e uma das piores coisas por aqui é ver Otávio não conseguir juntar os pontos para a produção do filme de São Tomé, que seria (tenho certeza) uma coisa incrível. Mas é um filme muito caro, impossível de ser feito (no barato mais barato) por menos de 80 milhões - dinheiro que Otávio tenta paca mas não consegue arranjar. Muito chato.

Filmes mesmo por aqui que prestem, só os de Ivan. Não passa nada, é um deserto. Agora estreou Os inconfidentes do Joaquim Pedro: mais um filme histórico nacionalista, sei lá o quê: horrível. Glauber vai adorar. Disse o Joaquim Pedro numa entrevista para o JB que o filme é um "estudo sobre o comportamento de presos políticos". Olha que malandragem mais filha da puta ...é incrível. Se você visse o filme ...

Reticências!

Bom, meu filho, beijos e abraços. Show de Gil e Gal foi ótimo, Caetano (machão, Hélio Oiticica, eu sei, ora) está em Salvador curtindo e vai ficando. Gil deve chegar por aí um dia desses. Por aqui apesar de lindíssimo e muito maravilhoso, só transou de yin e yang, essa coisa que eu acho meio chata sendo assim mas que, enfim, pode ser apenas malandragem dele: "O tropicalismo foi um movimento Yin: - "não sei o que lá é yang" etc. Acho meio pobre. Mas as músicas são fora dessa moral aí: e o som, da pesadíssima. Mande logo as coisas finais pra Navilouca e diga a Haroldo, se estiver aí, que vou publicar um trecho da Galáxia que saiu em setembro do ano passado no Estadão, junto com a respectiva ilustração. Será a outra matéria dele, além da urna para Souza Andrade. O negócio que Décio mandou (Phaneron I) é um escândalo. Você vai ver. Não se aborreça por tanto silêncio daqui e me escreva, que eu te amo.

Teresina, 7/6/72

Hélio, querido: aqui é a voz do sertão. Foi de repente que eu tive de sair do Rio para um repouso necessário e compulsório no Piauí: você deve ter recebido a carta que mandei poucos dias antes de vir e, se já respondeu, Ana manda logo sua resposta aqui pra mim. Não sei bem, mas como estou precisando mesmo de uma espécie de repouso completo acredito que termino ficando em Teresina até o fim de julho. Deixei a Navilouca andando, agora entregue a Waly e Luciano+ Oscar: estou esperando notícias deles e acho que, se tudo correr como deixei encaminhado, a revista estará pronta pra ser distribuída aí pelo início de julho. Mas acho que somente em agosto ela sai mesmo, porque julho tem férias e a dispersão é total. Não seria um bom momento: Navilouca, acredite, será qualquer coisa de definitivamente novo, forte e rigoroso. Como te falei na outra carta: um escândalo, dadas as condições existentes. E tem dado muito trabalho, como é natural, por isso mesmo está demorando tanto. Mas vai sair a tempo, saia quando sair, você não calcula como tramar essa revista (com Waly) tem me deixado aceso: quando ela pintar você vai compreender direitinho por quê.

Estou te mandando essa coisa - Gramma - anexa, acho que você compreenderá: isso é uma espécie de "milagre": você não conhece o Piauí e esse jornal, feito de repente por uns sete a oito meninos aqui de dentro, com idade variável entre 16 e 20 anos, tem, para nós que começamos a bagunça com Presença e Flor do Mal, uma significação gratíssima. Eles tratam de problemas daqui mesmo (veja que maravilha de capa), mas com uma radicalidade que a superprovincia não conseguiria suportar e que nem mesmo no Rio, eu acho, foi conseguida em nossas tentativas. Evidentemente o jornal foi apreendido pela Polícia Federal quatro dias após o lançamento e os meninos (em sua maioria secundaristas ou vestibulandos), chamados a depor. Note o nome - Gramma, com dois emes: mil implicações; a impossibilidade de imprimir o jornal aqui mesmo (foi xerografado - 300 exemplares - em Brasília, e a maneira como tudo foi aproveitado: da Presença da Flor e até do Pasquim. Mas num nível de reorganização do espólio, no exato momento em que nossas tentativas do Rio iam entrando pelo cano e resultando, numa linha direta, no insípido bondinho de São Paulo, que você deve ter visto por aí. Acho isso fantástico, de uma coragem e de uma tesão formidáveis - logo no Piauí e também, quase me esquecia, no instante em que o Verbo Encantado tenta se engravatar no Rio e o Rolling Stone comanda a parada, com, aquela cara mesma que você me disse, qualquer coisa como uma espécie de reprodução da Mona Lisa pintada por algum acadêmico daqui; das Belas Artes. Ou qualquer coisa assim, falsificada, mistificada. Ainda no Rio conversei muito com Waly e Jorge e Luciano e Oscar sobre essa Gramma. Para nós todos, que de uma maneira ou de outra estivemos na agitação dessa imprensa subterrânea, o trabalho desses meninos do Piauí, o supergueto, foi como um resultado extraordinário de nossas investidas. Eu acho que sim e, como diz o Maciel, ou pelo menos dizia no tempo da Flor, "a semente está plantada: agora vai começar a brotar por aí". Você conhece o estilo do Maciel.

Bom: espero que você vibre, como nós vibramos, com essa Gramma de Teresina. Os garotos vão tentar tirar um outro número na marra, agora, e tão logo saia (se sair), eu te mando. Me escreva a respeito disso, por favor - inclusive porque seria fantástico para os meninos daqui. Eles andam fudidíssimos por causa do jornal (ah, se você conhecesse o que é o Piauí. ..), e numa terra onde não acontece nada, onde nunca passou um filme de Godard e onde cabeludo não entra na escola nem nas casas das famílias, pode crer, essa Gramma é o que eu disse antes: uma espécie de milagre. E vai render.

Agora me diga: você já mandou seu slide para a capa daNavilouca? e o resto do material anunciado em carta para Ivan? se não, please, mande logo, que essa nave precisa zarpar. Breve enviarei para você uns textos que estou produzindo para um livro da corda bamba. Aqui em Teresina estou fazendo uns filmes com o pessoal da Gramma, todos em super oito, de metragem média. Difícil falar deles agora. Mais tarde veremos. Estou aproveitando muito e de todas as maneiras essa minha vinda até aqui. E o Nostorquato, como vai? Ivan me falou que "uns e outros" andaram vendo o filme por aí e que você pretendia publicar uma foto num

livro do Octávio Paz. Signos em rotação, que Haroldo me deu pouco antes de viajar, foi para mim uma revelação. Aquele negócio -"poesia latino-americana?" -como, aliás, o livro inteiro, é claro demais, e fundamental. Mas isso não é papo pra essa carta.

Querendo me escrever (escreva, amor) pode mandar pra qui mesmo, que chega. Vendo Haroldo, Julinho etc. (não sei se estão aí), diga que vai tudo firme e que mando abraços. Um beijo enorme. Fico aqui até o comecinho de agosto.

Mande notícias. Muito amor,

Rua Coelho de Resende, 249-S 64.000 -Teresina -Piauí

Brasil. ..

Para Alm.ir Muniz

Almir,

rasgue em seguida, please, no documents. não estou encontrando outro jeito de falar normalmente com você. há muito confete no ar. na verdade mesmo eu só quero é que você me compreenda e pronto, sem precisar tomar qualquer "providência". escute: não está na hora de transar derrotas. eu digo na porra da geléia: ocupar espaço, amigo. estou sabendo, como você, que não está podendo haver jornalismo no brasil e que - já que não deixam - o jeito é tentar, não tem outro que não seja desistir. e eu sinceramente acredito que não está na hora de desistir: ou a gente ocupa e mantém a porra do espaço, pra utilizá-lo, pra transar, ou a gente desiste. eu prefiro o "sacrifício". esse ari de carvalho é um homem perigoso, mas você não me diga que - seja o que for - não há bastante malandragem na jogada. por enquanto, esse imbecil está deixando (explico já) a gente utilizar um espaço que está sendo cogitadíssimo: não é jogo de inimigo, é porque não está pintando outra: eu ou você podíamos muito bem optar (desculpe) pelo copidesque do globo, que é simples, bem pago e tal, cômodo e cretino, do ponto de vista mesmo profissional. afasto de mim esse cálice: o ari de carvalho, eu não faço a mínima idéia por que, está garantindo não o empreguinto da gente, que é uma merda, mas isso que eu não me chamo espaço e não quero que me ocupem. eu digo: brechas: é por elas, amigo: essa bosta da última hora é uma brecha que está pintando: eu não tenho que agradecer a nada nem muito menos de derrubar a permissividade: eu só quero é o poder, sabe? política: a última hora tem que avi-sar solenemente ou não à empresa que pensar que nós faríamos o correio, caso fechasse, seria o cúmulo do desrespeito: essas palavras funcionam por lá, amigo: confundir a porra do inimigo: eu acho, sinceramente, que a última hora não deve parar numa hora dessas: entregação: dar de presente para a agência nacional, por exemplinho? eu quero manter esse estado crescente, porque eu acredito firme que sem malandragem não há salvação: isso é perigoso de dizer, mas assim mesmo eu corro o risco porque você é você: abaixo esse bomgostinho da gente. abaixo concordar com esse palavreado. devemos resistir, na marra e quebrando a cara: você pensa que eu faço aqueles títulos do joão ribeiro de brincadeira; não é: é a sério mesmo. cordel. notícias: gb é dor e neurose de pavor. o que é isso, perguntam os órgãos de informação/inteligência/polícia. responde a redação: greve! pode? tudo tem um tempo e tudo também é bom. se a última hora parar, eu paro idem. eu não quero parar porque eu acredito no duro que "cada louco é um exército" (gomide 57 anos na contracapa da última flor do mal). o pasquim parou com a flor do mal: sinta o drama. não se pode falar aquelas palavras antigas, tem que inventar outras. eu sou um homem radical, ou eu morro ou eu vivo. ou eu morto ou eu transando: disso depende tudo meu. não é óbvio? pois eu não quero influenciar nenhuma resolução sua, com respeito à "QUESTÃO", mas queria muito que você compreendesse a minha posição contrária à sua: transe o que você quiser, mas compreenda: eu te amo: vamos segurar esse espaço e utilizá-lo: a ironia não tem limites e as notícias podem correr por aí: rasgue isso depois, amigo: a questão é só uma: sim. o não é o próprio diabo. sim,

amigo, sim. expliquemos pois: SIM = Deus. o amor é igualzinho ao ódio: métodos, guerrilhas; entregaçã?NÃO. a última hora pára e eles tomam conta: eu caguei pro meu empreginho, isso é sempre possível, aparece, mas está na cara que nenhum outro jornal do brasil, entre rio e sp, diário, barra pesada, deixa (sei lá por que) que eu escreva aquela geléia maluca brasileira. joão ribeiro é um pulha e eu estou cansado de saber.eu não fecho com ele, mas eu fecho (no possível) o meu espaço: infinito enquanto duro. quantidade: você edita quatro páginas. aproveite isso; assunto quente; e transe: dá para descobrir as brechas. eu só não quero sair daqui é fugindo. eu não-tenho-medo-deles. eu ando por debaixo da avenida, muito antes do metrô. funda ironia, a que fere, transar, meu amigo. a última hora declara que nem por hipótese transará a possibilidade de fazer o correio em caso de pintar essa: a última hora explica ainda: a política de cópias é insustentável:a última hora garante à empresa: isso é corrupção. transem essa palavra com essa empresa e vocês vão ver que tremenda cabala: compreende, almir? ABAIXO ESSA DEMOCRACIA! A luta democrática é apenas uma etapa, da propriedade de tenório cavalcânti, a gente conhece. que história é essa? entregar? Sim: utilizar a porra do veí-culo e curtir uma. abaixo esse profissionalismo tipo ABI. vamos fechar assim, assegurando. qual é essa de "bom gosto"? que gosto é esse? você está sabendo de tudo o que está acontecendo nos altos escalões: isso, de repente e como sempre, aqui e agora, pinta que só vai cair na cabeça de gente como a gente. daí eu tentar esclarecer: não é o "deixa estar pra ver como é que fica", mas o "sai de baixo que aí vem pára-queda". ou será que eu não odeio tanto a ditadura da classe média que não queira transar com a moral dela? falei muito disso: teorema de godard, sem pasolini, é bicha e otária. pensadora. academicista e meio sobre o quinta coluna. em sociedade tudo se sabe e eu estou é muito louco, viva deu&, amigo. compreenda: não está na hora de transar derrotas. é pelo outro lado: nós lidamos com a indústria da inflaçã: vamos envenená-la, amigo: do lado de dentro, morrendo: olhe, porque uma vez eu saí pra passear as pessoas não me chamaram de volta nem fizeram a menor questão de obscurecer a transa: foi na base da família brasileira: disseram: é covarde: eu passei três meses no hospício, logo em seguida. acusaçã - alcoolismo. e tomei injeçã pra caralho. eu não fecho, almir, com essa linguagem. eu lhe garanto que na geléia geral brasileira, aqui e agora, o demônio está vencendo, mas eu não posso é desistir. escrevi lá: abaixo a geléia geral. três vezes, as pessoas pensaram que era a coluna. tradução: não sabem onde é que vivem e a alienaçã grassa. como os jornais são péssimos eu não leio os jornais - claro, você quer entregar essa possibilidade para os caras e por questões emocionais. não pode, almir: não vamos *prestigiar* ari de carvalho, mas vamos ludibriar ari de carvalho. ou é assim ou não acredita nas transas. pintemos onde? onde pudermos. pintemos nos jornais, por exemplo: só se publica o que é possível, mas se redige como quer. não vamos desistir: entregar é agora ali dentro e naquele papo, transar derrotas satisfeitas. isso não é possível, aqui, agora. a mortesó é vingança quando é a morte do inimigo, a minha não. quer dizer: eu não sei como é que se explica e sou contra explicações

convincentes. vamos deixar o barato das emoções e vamos roer essa parede. esse papo é pra informar que serei até democrático, porque tenho medo das línguas do brasil, mas sou totalmente contra parar o outro jornal, o nosso. como é o nome disso?